



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Regianne Monteiro Lima

**Literatura em sala de aula: um estudo da recepção da obra *Sete ossos e uma maldição*,
de Rosa Amanda Strausz**

CAMPINA GRANDE

2018

Regianne Monteiro Lima

**Literatura em sala de aula: um estudo da recepção da obra *Sete ossos e uma maldição*,
de Rosa Amanda Strausz**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa-
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.
Orientadora: Profa. Dra. Rosângela de Melo
Rodrigues.

CAMPINA GRANDE

2018

L7321 Lima, Regianne Monteiro.
Literatura em sala de aula: um estudo de recepção da obra *sete ossos e uma maldição*, de Rosa Amanda Strausz / Regianne Monteiro Lima. – Campina Grande, 2018.
70 f.: il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação: Profa. Dra. Rosângela de Melo Rodrigues".
Referências:

1. Contos de Terror. 2. O Fantástico. 3. O Estranho. 4. O Maravilhoso. 5. Aulas. I Rodrigues, Rosângela de Melo. II Título.

CDU 82-344(043)

Regianne Monteiro Lima

**Literatura em sala de aula: um estudo da recepção da obra *Sete ossos e uma maldição*,
de Rosa Amanda Strausz**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa- Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em ___ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rosângela de Melo Rodrigues

Profa. Orientadora - UFCG

Profa. Dra. Tássia Tavares de Oliveira

Profa. Examinadora

CAMPINA GRANDE - PB

2018

Dedico este trabalho à minha filha Maria Laura.

Aos meus pais, Rejane e Jonaldo, que não me deixaram desistir, mesmo com as dificuldades.

A Edson, meu esposo, que me deu força para prosseguir e me auxiliou quando mais precisei.

AGRADECIMENTOS

Pela dádiva da vida e o privilégio de ter nascido das pessoas que mais admiro, agradeço primeiramente a Deus.

Aos meus pais, pelo apoio e incentivo que me fizeram enfrentar obstáculos.

Aos meus irmãos, Reginna e João Emmanuel que amo muito.

A família que formei durante o caminho que percorri nestes anos de curso.

A Maria Laura, minha filha, que a cada dia me mostra um novo incentivo para buscar ser uma pessoa melhor e me esforçar a conseguir lhe dar um futuro digno.

A Edson, meu esposo, que esteve comigo em todos os momentos me auxiliando nas dificuldades, comemorando minhas vitórias e ajudando a criar nossa filha com respeito e amor.

A minha sogra, Josefa Francisca por me auxiliar e apoiar nos momentos mais precisos.

Não podendo esquecer, agradeço grandiosamente aos meus amigos de infância: Ailma, Samara, Karla e Jhonny que me prestaram bons momentos e me ajudaram a formar meu caráter e personalidade.

Às minhas amigas de apartamento Tassia Tamara, Eliene, Isabele, Josy, Greice e Elisângela que me proporcionaram momentos memoráveis tornando os dias fora de casa mais divertidos e acolhedores.

Aos meus amigos-irmãos Joelson e Daiely que estiveram e estão sempre comigo me auxiliando em todos os momentos dentro e fora da universidade.

E a todos que me ajudaram direta ou indiretamente na minha formação, o meu sincero obrigada.

EPÍGRAFE

“A vida é maravilhosa se não se tem medo dela”. **Charles Chaplin.**

RESUMO

Esta pesquisa é uma análise de três contos do livro *Sete ossos e uma maldição*, escrito por Rosa Amanda Strausz, por meio da editora Global (2013) perante um estudo da recepção da obra em sala de aula. O estudo apresenta-se dividido em quatro partes. Na primeira, foi feita uma análise das obras explanando seus contextos. Na segunda foi grifado pontos que mostraram as mudanças que cada conto percorre com base no fantástico, no estranho e no maravilhoso, baseado em H. P. Lovecraft e Todorov. Na terceira a figura de monstro foi verificada nas três obras de acordo com Ana Margarida Ramos e Julio França, com classificações de monstros sugeridas pelos autores. Na quarta foi fundamentada a estética da recepção de Jauss e a aplicação dos contos *Crianças à venda*, *Tratar aqui*, *O fruto da figueira velha* e *Dentes tão brancos* em sala de aula, apoiando-se em dados satisfatórios de aulas ministradas numa turma de ensino fundamental II.

PALAVRAS-CHAVE: Contos de terror, o fantástico, o estranho, o maravilhoso, aulas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. SOBRE AS OBRAS <i>CRIANÇAS À VENDA. TRATAR AQUI; O FRUTO DA FIGUEIRA VELHA E DENTES TÃO BRANCOS</i>	11
2.1. ASPECTOS QUE OSCILAM ENTRE O FANTÁSTICO, O ESTRANHO E O MARAVILHOSO NOS CONTOS	14
3. A FIGURA DE MONSTRO EMPREGADA NAS OBRAS: “CRIANÇAS A VENDA. TRATAR AQUI”, “O FRUTO DA FIGUEIRA VELHA” E “DENTES TÃO BRANCOS”: UMA ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> DE PESQUISA DO LIVRO “SETE OSSOS E UMA MALDIÇÃO”.....	21
3.1. “CRIANÇAS À VENDA. TRATAR AQUI”.....	24
3.2. “O FRUTO DA FIGUEIRA VELHA”.....	27
3.3. “DENTES TÃO BRANCOS”.....	30
4. CONTOS DE TERROR NA SALA DE AULA: UMA APOSTA POSITIVA PARA O ENSINO DE LITERATURA.....	33
4.1. PRÁTICA VIVENCIADA: A APLICAÇÃO DOS CONTOS DE TERROR EM SALA E SEUS RESULTADOS.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
6. REFERÊNCIAS.....	43
7. ANEXOS.....	46

1 Introdução

Esta pesquisa tem como *corpus* a antologia *Sete ossos e uma maldição* (Global, 2013), da escritora e jornalista Rosa Amanda Strausz, nascida no Rio de Janeiro.

Rosa Amanda Strausz estreou na literatura em 1991 e logo ganhou o Prêmio Jabuti, com o livro de contos *Mínimo Múltiplo Comum*. Desde 1995 ela escreve livros infanto-juvenis, dentro do período de quinze anos, lançou quatorze títulos. Nas suas obras as temáticas usadas são: relações familiares, difíceis relações sociais entre classes e violência urbana. Das suas obras podemos destacar: *Uólace e João Victor*, que logo foi adaptada para TV dentro da série “Cidade dos Homens”; *Deus Me Livre!*, livro que mostra como nascem os bebês, evidenciando temáticas como: sexo e gravidez; *Mamãe trouxe um lobo para casa* e *A coleção de Bruxas do meu Pai*, que amplia o contexto familiar quanto a separação e novas relações dos pais com outros cônjuges e *Sete ossos e uma maldição* que conta com um conjunto de 10 contos classificados no gênero terror, que dialogam entre si fazendo referência à criança e aos jovens que são expostos a situações de risco e estranhamento.

Na literatura de terror infanto-juvenil, o leitor se sente instigado a compreender e investigar o desconhecido, como se refere Lovecraft “A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o medo mais antigo e o mais forte é o medo do desconhecido” (LOVECRAFT, 1987, P.1) sendo este um sentimento que cresceu com o homem, pode ser definido em torno do compreendido e o não compreendido estando intimamente relacionado com a emoção, os pensamentos e o discurso humano. O medo aparece como ingrediente dos mais antigos mitos e lendas de todos os povos e é cristalizado em crônicas, contos e outros escritos. O horror na literatura atingiu um novo patamar nas obras literárias, quando migrou das histórias orais para a escrita, alcançou popularidade significativa atraindo olhares curiosos de leitores de diversas faixas etárias.

Historicamente a origem da literatura de terror está remetida ao romance gótico voltados para crianças e jovens, à medida que estes leitores se interessam mais fortemente pelo gênero, sendo fixados em prateleiras das livrarias e bibliotecas escolares, a exemplo da obra trabalhada *Sete ossos e uma maldição*, lançada em 2013 pela editora Rocco, quanto em séries nacionais e estrangeiras, sendo voltada para um público definido: jovens e *Young adults* (YA).

Esta obra, assim como tantas outras que foram escolhidas, interage em espaços bibliotecários e é adotada em todas as escolas de nível fundamental e médio das escolas

públicas do Brasil através do programa *Literatura em minha casa*, que propicia aos alunos que não têm oportunidade de ler nem contato com livros, resultando numa leitura prazerosa tanto no colégio quanto na própria residência.

O interesse primordial para a execução desta pesquisa surgiu no âmbito escolar, mais precisamente quando cursei o ensino fundamental, numa aula de literatura. A professora abriu as portas da biblioteca e deixou seus alunos à vontade para escolherem os livros que gostariam de ler e depois debater resumos em sala, como um diário de leitura oral. Neste momento a escolha desta obra foi de suma importância para mim, pois proporcionou interesse e futuras indicações.

Como quando aluna da escola de minha cidade esta obra me trouxe grande interesse; supus que obteria bons resultados se a usasse em sala de aula, agora ministrando as aulas. Apostando nisto, adequei a obra em aulas pensando na aplicação dela de forma oral e coletiva, fazendo com que houvesse uma aproximação maior de alunos e professora e, como consequência, obtive excelentes resultados quanto ao interesse dos alunos e o debate grupal em sala de aula.

Diante dos resultados pude desenvolver esta pesquisa com o intuito de analisar e demonstrar a literatura infanto-juvenil no campo dos contos de terror aplicada em sala de aula, mais precisamente no fundamental II de uma escola pública, fazendo com que esta prática possa ser aproveitada e/ou utilizada em ambientes de pesquisas para fins acadêmicos.

Partindo da obra, o que mais chama a atenção é a linguagem e o modo como os contos são desenvolvidos, não se caracterizando por uma literatura sanguinária, mas incentivadora aos olhos do leitor fazendo-o construir e interagir com a história, imaginando cenários e clima, transformando uma narrativa inicialmente comum em narrativas inusitadas cobertas de suspense e finais que fazem refletir e imaginar.

Vale pontuar que pesquisas situadas na temática “terror investigador para jovens” são deveras escassas nos estudos universitários. Os contos de terror, até um dado momento, eram destinados às crianças com o pretexto de evocar uma moral educativa, e outrora para adultos que sentiam-se instigados à leitura curiosa e investigativa. Porém, a literatura para jovens de cunho místico se desloca, partindo do século XIX, da narrativa moralista e real para o sobrenatural e inexplicável trazendo consigo a Literatura Fantástica. (TODOROV, p. 87) Estes estudos tornaram-se mais aplicáveis sabendo que o público considerado maior, na massa de leitores, se enquadra no espaço infanto-juvenil e essa literatura de ficção atrai este público fazendo com que haja interesse e formação de um leitor que instiga e investiga criticamente.

Por meio dessas considerações, encaminhamos nossa pesquisa para a análise de três contos da obra: “Crianças a venda. Tratar aqui”, “O fruto da figueira velha” e “Dentes tão brancos”, em anexo.

Metodologicamente os capítulos estão organizados em: analisar internamente três contos do livro *Sete ossos e uma maldição* perante os características infiltradas no Fantástico, no Estranho e no Maravilhoso, mostrando a movimentação que cada conto percorre entre estas três ideias, sendo usado um quadro de análises que classificará cada passagem encontrada nos contos com base em Todorov (2007) e Lovecraft (1987), incluindo fragmentos que confirmam as características empregadas; após tal classificação veremos a figura de monstro em cada um dos três contos, sendo usada a teoria de Riche (1999) e Ramos (2007) para fundamentar a concepção de leitura e o emprego da imagem de monstro no cotidiano, grifando passagens dos contos comprovando as afirmações feitas pelos autores e para classificação do ser monstruoso, nesta será usado as concepções de Cohen (2000) que sugere categorias aos quais cada ser fantástico pode ser enquadrado.

Por fim será empregada a prática vivenciada em sala de aula. A ministração das aulas com o apoio da obra *Sete ossos e uma maldição* e como o gênero terror pode ser uma aposta positiva para se trabalhar com jovens. Neste capítulo nos basearemos nas concepções de Pinheiro (2006) e Gotlib (2006) para fundamentação conceitual da prática de leitura com contos em sala de aula e King (2012) para significar as narrativas de terror de modo que o autor classifica o terror em: explícito e implícito, sendo usada uma destas classificações para se deter aos contos trabalhados.

2. SOBRE AS OBRAS *CRIANÇAS À VENDA. TRATAR AQUI, O FRUTO DA FIGUEIRA VELHA E DENTES TÃO BRANCOS*

Os três contos escolhidos para análise e estudo são da autora Rosa Amanda Strausz, publicados em 2013 pela editora Global e são mantidos no gênero terror infanto-juvenil. A peça chave para ambas as obras é o medo sobrenatural que envolve e encaminha o leitor a tirar suas próprias conclusões perante o real ou imaginário.

Diante disto a primeira obra a ser trabalhada será *Crianças à venda. Tratar aqui*. Sendo ela também o primeiro conto da coletânea. Nesta narrativa há traços de miséria fortemente empregados, sendo jugado como “saída” para a melhora de vida. Marialva, é descrita como uma mãe muito pobre, que vive em difíceis condições e tenta vender seus filhos

para que não morram de fome nem de doença. Ela encontra na comercialização de sua prole a forma ideal para melhorar sua qualidade de vida.

O primeiro filho a ser vendido, Tião, é comprado por uma família dos Estados Unidos, e perante as fotos recebidas, se vê feliz em testemunhar a felicidade do filho. Os próximos a serem comercializados são Francineide e Ronivon, os quais assim como o primeiro tiveram um “bom destino”. Chegadas as fotos dos filhos limpos, bem vestidos e mais gordinhos, Marialva teve a confirmação que fazia a coisa certa. O destino do dinheiro é colocado na obra como a compra de “uma cabra, três galinhas, um cobertor para noites frias, sabão para tomar banho e uma panela nova” (STRAUSZ, 2013, p. 9) fazendo entender que não se aplicava a venda a grandes quantidades de dinheiro e que a consciência da mãe não pesava quanto a venda.

Porém, com a venda de seu filho mais novo, Fabiojunior, consequências estranhas acontecem, a mãe não percebe, mas a filha mais velha, Simara, que não fora vendida por já está com dez anos, capta logo nas primeiras fotos que algo estranho teria acontecido com seu irmão. Ao contrário dos outros irmãos, Simara percebe o cenário das fotos de Fabiojunior e sua aparência triste. A cada foto enviada, acompanhada de certa quantia em dinheiro, Marialva ficava mais feliz e sua filha mais velha cada vez mais desconfiada. No último envelope mandado pelos pais adotivos de Fabiojunior, a menina decide investigar as fotos com mais profundidade, decide procurar ajuda na igreja em que fizera catequese quando mais nova e lá pede ao padre que lhe ceda uma lente de aumento e é neste momento que ela descobre que seu irmão estava com seus olhos furados e negros.

A procura de ajuda, Simara pede auxílio e quando vai procurar o pároco da igreja da cidade, é registrada a primeira indicação de atuações sobrenaturais que segundo a obra “diziam claramente que se tratava de um caso de bruxaria” (STRAUSZ, 2013, p. 13).

Os dois saem para o endereço remetente as cartas para encontrar Fabiojunior e munidos de cruz e água benta chegam a Alta Cruz e lá pedem ajuda a um padre da igreja local que logo identifica o local das cartas e das fotos. Impressionado com fato indaga que aquele local estava abandonado a anos e seria impossível encontrar a família morando naquele local, baseados pela força de vontade da menina entram num velho Dodge Dart e seguem para o endereço. Chegando lá, se deparam com um casarão abandonado semelhante as fotos só que deteriorado pelo tempo, cada vez mais transtornada Simara percorre todos os cômodos até chegar nos fundos da casa, em que havia um velho cemitério familiar. Neste momento há a revelação de fatos estranhos. Nas duas primeiras sepulturas estavam decoradas com fotos amareladas do casal que comprara seu irmão mais novo, com a descrição que acusava suas

mortes a cerca de cinquenta anos e perto delas, sete pequenos jazigos, o último e mais recente revelava um nome: Fabiojunior seguido da última foto mandada à sua casa, com apenas uma semana datada de seu enterro. Arrasada a menina volta para casa e os religiosos voltam para seus devidos lugares sem uma explicação óbvia para aquilo. Ao chegar em casa, Simara se depara com sua mãe feliz e satisfeita com uma carta nas mãos, nela havia a confirmação da venda da menina para o mesmo casal que levava seu irmão mais novo. Sem poder se explicar perante tal situação o enredo é finalizado sem marcas do que acontece com a menina e como seria seu fim.

O FRUTO DA FIGUEIRA VELHA

O sétimo conto do livro é a obra *O fruto da figueira velha*, trata sobre um casal jovem, recém casado que estava à procura de um imóvel que pudesse completar sua felicidade e se depara com um casarão de baixo custo numa pacata cidade. Para Denise, a noiva, um apartamento pequeno não seria tão bom quanto uma grande casa e aquela que havia encontrado era perfeita para começar uma família, Tiago, seu esposo, preferia algo menor como um apartamento, mas o entusiasmo da esposa era tanto que o convenceu a finalizar a compra. Resolvem comprar um velho casarão sem dar importância a boatos sobre entidades existentes no local. Após a compra, depois de um ano e várias reformas, já se encontrara em perfeitas condições de moradia, levando-os a fazer a mudança. Na primeira noite, após um jantar romântico, Denise resolve retirar um fruto de uma velha e deslumbrante figueira que se instalava no centro do jardim da casa e partindo o suculento fruto entrega a Tiago partilhando da sobremesa perfeita. Dando início ao clímax do conto: na primeira noite na casa, a personagem começa a receber visitas de um demônio de características não-humanas, que a intimidava e cobrava o fruto da figueira que, de acordo com o monstro, havia roubado de sua figueira, em acordo o ser sobrenatural pede em troca da fruta da figueira, um “fruto” que a mulher carregasse, durante estas visitas tudo o que Denise ouvira falar sobre figueiras serem a casa do diabo e dentre outras superstições vieram à tona cada vez que o maligno a visitava.

Diante de desespero, Denise pede ajuda a seu esposo e o mesmo sem acreditar tenta convencer a esposa que tudo não passara de pesadelos persistentes. Passados os meses, a confirmação da gravidez de Denise não foi acolhida com felicidade, diante do desespero da esposa Tiago encontra uma igreja local e conversa com um padre que o conforta dizendo que tudo seria resolvido e que o que é de seu senhor ninguém pode tomar, após conversar com Tiago e Denise, veem a necessidade de batizar a criança ao nascer, com o intuito de interceder

a troca com o demônio, com a condição de deixar o bebê passar sua primeira noite na igreja com o padre, para que nada o acontecesse.

Depois desta intercessão religiosa, o casal se tranquiliza e aguardam ansiosos seu primogênito.

Saindo da maternidade, deixando o recém-nascido aos cuidados do padre da igreja local, decidem buscar o bebê no dia que foi marcado seu batismo. No dia seguinte, ansiosos, os pais e padrinhos vão em busca do bebê e assim descobrem, que a igreja havia sumido por completo e juntamente com ela o padre e a criança. Neste momento de aflição e medo Denise encontra no terreno em que se instalava a igreja uma pequena muda de figueira e um fio da manta de seu filho, acusando que algo havia sido enterrado naquele local.

Ao fim do conto fica a indagação de o que haveria acontecido e quem seriam os culpados para tal tragédia e cabe ao leitor entoar suas sugestões pois a obra doa fatos e elementos que podem ser associados a resposta, mas não emite um final concreto e explicável.

DENTES TÃO BRANCOS

Quanto ao conto *Dentes tão brancos* vemos a história de um amor adolescente, em que Andréia, uma jovem, é convidada a uma festa na casa de sua amiga Mariana e nesta descobre alguém (o qual seu nome não é revelado), que chama muito a atenção da jovem por obter de características marcantes como: cabelos longos ruivos, olhos violeta e pele muito branca, sendo apresentado pra ela apenas como *seu amor*.

Essa mistura de confusão, curiosidade e admiração resultou em uma paixão repentina a qual a personagem não consegue explicar, chega a deduzir que está sob “encantamento”. Tudo o que o rapaz pedia para a moça, ela se via detida a dizer “sim” como se o “não” não constasse no seu vocabulário.

Seu amor pede para que Andréia o espere por trás de uma árvore e exige que a garota se esconda para que ninguém a veja. Ao término da festa o encontro tão esperado acontece, o casal se encontra e conversam por um tempo. Após uma conversa reveladora Andréia se apavora, ao descobrir que aquela pessoa admirável era um ser sobrenatural que sacrificava suas vítimas para apossa-se de partes do corpo, roubando as características marcantes e absorvendo-as em seu corpo, descobrindo também que a morte de sua amiga que aparentemente teria sido diagnosticada como câncer na verdade teria sido ocasionada pelo ser monstruoso, que teria posto um fim na garota depois de ter roubado seus lindos cabelos ruivos e nisto sendo forçada e imobilizada, a garota beija o monstro e subitamente fica inconsciente.

Horas depois acorda, no mesmo lugar do encontro confusa e sozinha, volta para casa, imaginando que tudo não passasse de um pesadelo.

No dia seguinte, acorda para ir à escola e como de costume se arruma e sorri para o espelho. Nisto se depara com seus dentes caindo um a um, sem explicação diante do desespero pensa em gritar socorro por sua mãe e ao receber flores com um cartão de agradecimento percebe que o ser haveria de voltar e concretizar o fim do encontro com um beijo perfeito [como é descrito na obra]

E nisto se evidencia mais um desfecho cheio de suspense e incógnitas, traçando pistas para vários finais alternativos.

Vemos nos três contos que o mistério é consumido pelas narrativas, com finais múltiplos para a criatividade do leitor, Strausz deixa pistas por todo o texto, que produzem na mente do leitor diversas possibilidades de leitura. O rumo que os contos tomam revela uma ponte que liga todos os contos, o fato de que eles perpassam por uma narrativa deveras simples e cotidiana sendo deparados por um estranhamento no ápice do conto, faz com que haja a quebra de perspectiva e passem do fantástico para o estranho e o maravilhoso, deixando-os em um estado de fuga do natural, passando a envolver personagens fictícios e não-humanos.

2.1. ASPECTOS QUE OSCILAM ENTRE O FANTÁSTICO, O ESTRANHO E O MARAVILHOSO NOS CONTOS

Neste capítulo temos por objetivo analisar três contos com base na discussão do fantástico, do estranho e do maravilhoso nestas histórias. Discutiremos estas três curtas obras tomando posição da oscilação entre os três conceitos empregados, percorrendo por essas teorias que discutem e abordam o sobrenatural, tanto para afirmá-lo (o maravilhoso), como para negá-lo (o estranho), como também torná-lo possível (o fantástico). Empregaremos o conceito do medo discutido por Lovecraft (1987), e as diferenças dos gêneros postas por Todorov entre o fantástico, o maravilhoso e o estranho, tendo como aporte o artigo do Prof. Me. Adolfo José de Souza Frota (2012) e suas percepções no texto *A criação do fantástico, do estranho e do maravilhoso em três contos norte-americanos*.

H. P. Lovecraft associa a composição de histórias sobrenaturais a uma tendência do ser humano de expressar o medo do desconhecido. Sendo a dor e o perigo da morte as

emoções mais lembradas, o folclore expressa, de forma mais constante, o lado “negro do mistério”. (LOVECRAFT, 1987, p. 3)

Todorov (2007, p. 30) defende que a principal característica do fantástico e o que diferencia dos demais gêneros que tratam do mesmo assunto (o maravilhoso e o estranho) é a hesitação que o leitor tem ao questionar se a narrativa que ele está lendo é verdadeira, fato da realidade, ou apenas uma ilusão. O fantástico acontece da seguinte forma: alguns fenômenos aparentemente sobrenaturais acontecem. Entretanto, há possibilidades de que esses fenômenos possam não ser sobrenaturais.

Assim como o escritor Frota (2012) relata em seu artigo, esta hesitação entre a razão e a “desrazão” para uma explicação natural ou sobrenatural da história é o que fundamenta o fantástico, fazendo com que provoque características ambíguas, integrando o leitor no “mundo dos personagens”. Considera também a concepção de Todorov, em que o mesmo ilustra a “função” de leitor esclarecendo que, o efeito do medo e do horror não se dá exclusivamente pelo Fantástico, como aponta Lovecraft, mas em como o leitor hesitará durante a leitura, ou seja, a papel do leitor está em contemplar o texto implicitamente de modo que nele se encontre a noção do narrador. O medo não é necessário, mesmo que este esteja ligado diretamente ao gênero, é a perplexidade provocada que causa o efeito do estranhamento. (2007, p. 37, grifo do autor).

Primeiramente podemos distinguir os conceitos nomeados. Com base no livro *Introdução à literatura fantástica*, do autor Tzvetan Todorov (1980), o fantástico pode ser classificado como:

É a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural. O conceito de fantástico se define pois com relação ao real e imaginário e estes últimos merecem algo mais que uma simples menção. (TODOROV, 1980.p. 15-16)

Nisto podemos analisar que passa a ser denominado “Fantástico” narrativas com ações que estão no âmbito natural dos fatos e passam por mudanças sem esclarecimento viável e explicável, fazendo com que oscilem entre o real e o sobrenatural evocando este gênero e procurando uma ilusão de verdade tão viva quanto possível, sendo ela elaborada pelo imaginário por uma determinação de realidade supostamente impossível ao convencional, narrando acontecimentos insólitos.

A literatura do sobrenatural tem o poder de subverter o real mesmo quando procura negá-lo. Uma das formas mais comuns é através do sonho. (FROTA, 2007, p. 6). Este conceito que o autor emprega pode ser adequada a um traço do conto *O fruto da figueira velha* no momento em que a personagem Denise está em seu quarto, dormindo e o demônio

aparece em sua cama, neste momento é duvidoso o fato de se tratar de um fato real ou meramente um sonho:

Nada explicaria o terrível pesadelo daquela noite. A brisa estava fresca, o quarto arejado, os lençóis eram novos e macios, o jantar tinha sido leve e ela estava muito feliz. Tratava-se de uma realidade tão perfeita que era consigo mesma que Denise sonhava. Sonhava que estava dormindo em sua casa nova, ao lado de seu marido, depois de um alegre jantar no jardim. (STRAUSZ, 2013, p. 73)

Pois o sonho permite que haja a violação sem que, a realidade ocorra, é por esta afirmação que o sonho é um tema muito abrangente na corrente do fantástico, pois é ambíguo e deixa “brechas” para o questionamento: “Será ou não um sonho?”.

Vemos esses traços nos contos selecionados: os mesmos se iniciam na perspectiva natural de fatos cotidianos e algo sem explicação acontece e quebra a naturalidade dos episódios. Podemos demonstrar no trecho do conto “O fruto da figueira velha”:

No entanto, num desses movimentos, esbarrou numa coisa diferente. Em vez da suavidade do tecido ou do calor do Corpo de Tiago, seu pé tocou numa superfície áspera e úmida, como um osso recoberto por escamas geladas. Abriu os olhos, sobressaltada, e viu uma criatura sentada em sua cama, entre ela e o marido. Não dava para saber ao certo do que se tratava, se bicho ou assombração (STRAUSZ, 2013, p. 73)

Neste trecho vemos que há, inicialmente, uma normalidade nas ações dos personagens, observamos também que os mesmos praticam atuações cotidianas e momentos depois a naturalidade dos fatos é substituída pelo estranhamento de um ser diferente e que provoca horror, nas características dadas pela autora:

O corpo, muito magro, era recoberto de couro rugoso. A coisa estava sentada de cócoras, com os joelhos dobrados, mas não da maneira que uma pessoa encolhe as pernas. E os pés e mãos, mais parecidos com garras, lhe diziam que aquilo, decididamente, não era humano[...] A cabeça pendia do pescoço e girava em todas as direções como a de uma galinha”. (STRAUSZ, 2013, p. 73)

A personagem Denise pergunta-se, juntamente com o leitor, se o que lhe acontece é real, se aquilo não passara de um mero sonho, ou seria pesadelo; passa a ter contato quase que mental com o ser maligno, sendo tomada pelo medo de tal forma que não consegue ao menos falar ou gritar um pedido de socorro a seu marido Tiago. Partindo desta passagem chegamos ao coração do fantástico, como descreve o autor Todorov (2007):

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso

esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. (TODOROV, 2007, p. 30-31).

O fantástico ocupa esse meio termo estabelecido na citação de Todorov (2007). Assim que se escolhe uma das duas vertentes, deixa-se de lado o ambiente fantástico para entrar em um gênero adjacente: o estranho ou o maravilhoso.

Todorov (2007, p. 47-63) traz duas possibilidades literárias que aperfeiçoam o gênero fantástico, que permitem a leitura e a perplexidade na compreensão de outras realidades. Segundo ele, quando uma história apresenta um acontecimento aparentemente sobrenatural, mas acaba recebendo uma explicação racional e a vida volta à normalidade, temos o estranho; quando a história revela a existência de uma natureza que está além da nossa compreensão, temos o maravilhoso.

A oscilação que os contos fazem entre o fantástico, o estranho e o maravilhoso acontece num estado de fenômenos incomuns que perpassam pelo natural dos fatos, sendo fornecido por personagens malignos nas obras, tendo marcas diferenciadas e características monstruosas, dentre o momento de ápice da narrativa. Vemos estes três aspectos intervirem em trechos como:

[QUADRO DE ANÁLISE DOS CONTOS]

Contos	Fantástico	Estranho	Maravilhoso
Crianças à venda. Tratar aqui	<p>“— Mãe, a senhora não achou esses dois aí meio esquisitos, não? perguntou a menina assim que o carro sumiu na estrada. — Bobagem, menina. Rico é tudo esquisito mesmo. Mas, no fundo, achou que a filha tinha razão. Não sabia dizer direito o que era — se a expressão meio vazia do casal, o jeito que eles tinham de olhar, meio fixo, sempre para frente, a maneira de se moverem, lenta demais”. (p.5)</p>	<p>“Bastou-lhe focalizar os olhos do irmão para encontrar a explicação de sua expressão vazia: estavam furados. No lugar das córneas, havia apenas dois buracos negros, redondos e perfeitos”. (p. 7)</p> <p>“O religioso deu um profundo suspiro. Estava pálido e limitou-se a acenar afirmativamente com a cabeça[...] — Então, nos leve até lá. Acho que meu irmão está correndo perigo. O religioso limitou-se a balbuciar:</p>	<p>“Não teve dificuldade em reconhecer o estranho casal que levava seu irmão nas fotografias amareladas que decoravam as duas primeiras sepulturas. Ali, estava a data da morte deles, ocorrida cerca de cinquenta anos antes” (p.10-11)</p> <p>“Próximos das tumbas principais[...] havia sete pequenos jazigos. O último era evidentemente recente e foi para ali que Simara correu. Sobre o túmulo, um nome: Fabiojunio, a última foto que tinha sido enviada à família e a</p>

		<p>— Seu irmão está morto. Padre André não se deu por vencido. — Precisamos da sua ajuda. Talvez ainda possamos salvá-lo. Tenho certeza de que se trata de um caso de bruxaria”. (p.9)</p>	<p>data: apenas uma semana atrás”. (p.11) “Olha só, acabou de chegar! Veio com uma carta. [...] A primeira coisa que viu foi a foto. Uma foto dela, vestida com roupas elegantes e antiquadas, de pé, braços estendidos ao longo do corpo, no pátio dos fundos da casa, onde havia o cemitério, embora a foto não mostrasse cemitério algum. Só um bonito jardim[...] Antes que pudesse se recuperar do susto, a mãe perguntou: — Leu a carta? Eles ficaram encantados com você! E completou, sorridente: — E vêm buscá-la hoje mesmo, à noitinha”. (p. 11)</p>
<p>O fruto da figueira velha</p>	<p>“No entanto, num desses movimentos, esbarrou numa coisa diferente. Em vez da suavidade do tecido ou do calor do corpo de Tiago, seu pé tocou numa superfície áspera e úmida, como um osso recoberto por escamas geladas. Abriu os olhos, sobressaltada, e viu uma criatura sentada em sua cama, entre ela e o marido”. (p.58) “Desde essa noite, não conseguiu mais dormir direito. Mal anoitecia, seu coração ficava pesado, cheio de pressentimentos. O sono era interrompido a toda hora por sustos que a faziam abrir os olhos na escuridão. Não via nada diferente</p>	<p>“De repente, tudo o que já tinha ouvido falar a respeito de fenômenos sobrenaturais passou por sua mente ao mesmo tempo. Informações às quais jamais dera a menor importância. Histórias que sempre julgara pertencerem ao folclore e às crendices populares. Subitamente, tudo fazia sentido, tudo parecia totalmente real” (p. 58-59) “À noite, conforme o prometido, o pároco lhes fez uma visita. Novamente, ouviu toda a história, agora contada por Denise. E repetiu as mesmas palavras que já tinha</p>	<p>“Não dava para saber ao certo do que se tratava, se bicho ou assombração. O corpo, muito magro, era recoberto de couro rugoso. A coisa eslava sentada de cócoras, com os joelhos dobrados, mas não da maneira como uma pessoa encolhe as pernas. E os pés e mãos, mais parecidos com garras, lhe diziam que aquilo, decididamente, não era humano”. (p. 58) “Tiago tentava acalmá-la. Dizia mil vezes que tudo não passara de um pesadelo. Mas nada adiantava. Denise ainda sentia inteiro o horror da presença, como se a besta apenas</p>

	<p>no quarto, mas tinha certeza de que o demônio estava ali, com seus olhos estúpidos e cruéis fixados nela”. (p.59)</p>	<p>dito a Tiago: — Não se preocupe mais com isso, minha filha. O poder que eu represento é muito forte. Ninguém roubará aquilo que só pertence a meu senhor. Assim que a criança nascer, virei buscá-la. Ela ficará comigo na igreja. Lá, ela estará a salvo”. (p. 62)</p>	<p>tivesse se tornado invisível, mas continuasse ali”. (p.59) “Toda a tranquilidade de Denise tinha desaparecido[...] saltou do carro e começou a correr a calçada de cima para baixo como uma louca. Finalmente parou, com os olhos arregalados, fixos num ponto de um terreno baldio [...] No centro do terreno, imaculadamente limpo, só havia uma pequena planta. Uma muda de figueira com cerca de cinquenta centímetros de altura. Ao lado da muda, um fiapo de lã azul misturado com a terra denunciava que alguma coisa tinha sido enterrada ali. (p. 63)</p>
<p>Dentes tão brancos</p>	<p>“Embora o palco estivesse a alguns metros de Andréia, com apenas um salto, ele colocou-se ao lado dela. Foi um movimento estranho. Ele não tinha a elasticidade de um gato. Pelo contrário, parecia meio duro ao mover-se. Lembrava mais um vôo sem suavidade. Ou uma aparição fantasmagórica”. (p.37)</p> <p>“Viu a festa de longe, como se fosse um sonho. Deixou-se hipnotizar pelo som mágico do violino de tal maneira que não sentiu o tempo passar”. (p. 39)</p>	<p>“No dia seguinte, acordou melhor. Parecia, de fato, que tudo não passara de um pesadelo. Animada, levantou-se e vestiu-se para ir à escola”. (p.41)</p> <p>“Vinte e oito também são os dias que formam o ciclo da lua. Assim que ela voltar a brilhar em toda a sua plenitude, retornarei para dar em você um beijo perfeito”. (p. 42)</p>	<p>“Ele sorriu, melancólico. A luz violeta tinha desaparecido de seus olhos. — Fiz para a mulher que eu amava. Agora, seus olhos estavam negros como a mais profunda noite”. (p. 38)</p> <p>“— Está com medo? Não se queixe, minha querida, você é uma garota de sorte. Destino pior teve a que me cedeu a pele, a que me deu os ossos, a linda menina que me doou esses belos olhos cor de violeta, ou sua amiga Karina, de quem herdei essa bela cabeleira”. (p. 40)</p> <p>“Foi então que percebeu a falta de um dente, o incisivo</p>

			superior do lado esquerdo. Deu um grito apavorado e levou a mão à boca. O canino superior do lado direito saiu na sua mão. Tateou a arcada. Estavam todos moles, pendurados na gengiva como roupas no varal em dia de ventania”. (p. 41)
--	--	--	--

O papel do narrador nestes contos é ficar jogando com possibilidades interpretativas para/com os acontecimentos. Na primeira coluna do quadro analítico vemos trechos dos contos serem classificados como do gênero Fantástico, é visto que, há uma insegurança ao se tratar, no primeiro conto, do casal misterioso que aparece em cena, o leitor fica diante da visão de algo estranho que é provocado pela dúvida dos personagens perante a figura do casal. Assim como no segundo que o personagem “demônio” é inserido na narrativa, sendo incluso como algo inesperado e que causa estranhamento pela forma como aparece. E por fim o terceiro conto, que sai dos conceitos naturais cotidianos de uma festa entre amigos, para um cenário macabro com um ser que não se pode classificar certamente o que seria.

Ambos os contos têm em comum esta movimentação entre o Fantástico, O estranho e o Maravilhoso, de modo que os mesmos saem de situações cotidianas para circunstâncias duvidosas e contidas de seres fantásticos que atormentam suas vítimas (o fantástico), as fazendo “caminhar” de acordo com o plano, chegando ao ponto chave da narrativa, o clímax, em que os personagens já se envolveram com os seres fantásticos e compreenderam a existência deles e o que os mesmos tem por objetivo de desenvolver na obra (o estranho) e findam passando por consequências inexplicáveis e drásticas (o Maravilhoso).

3. A FIGURA DE MONSTRO EMPREGADA NAS OBRAS: “CRIANÇAS A VENDA. TRATAR AQUI”, “O FRUTO DA FIGUEIRA VELHA” E “DENTES TÃO BRANCOS”: UMA ANÁLISE DO *CORPUS* DE PESQUISA DO LIVRO “SETE OSSOS E UMA MALDIÇÃO”

Com o término da modernidade e o início da pós-modernidade a literatura infantil no Brasil passa por uma permuta em boa parte das narrativas, fazendo refletir num valor estético o quão complexo o sistema social estava vivendo, levando em conta que no período moderno

apenas algumas regiões onde a urbanização regia havia um bom acesso de livros para a população e frisando isto a escritora Rosa Maria Cuba Riche, infere:

O livro transformado em bem cultural dessa sociedade de consumo, nem sempre é de fácil acesso ao leitor ao qual se destina, apesar da vasta produção de títulos responsável por uma grande fatia do mercado editorial.
(RICHE, 1999. p. 130)

Neste momento vemos que, partindo do pensamento de Riche, o modernismo trazia consigo, o livro como bem cultural e que com isso seu acesso tornou-se mais escasso nas regiões onde o progresso não havia chegado, dificultando a leitura de uma parte da sociedade. O sistema social que vivia entre o pré-capitalismo, em algumas regiões onde a urbanização não se fazia presente, se tornavam verdadeiras ilhas o que causava manifestações de insatisfação dos que vivem as margens da sociedade: negros, mulheres, índios, homossexuais, sem-terra, etc. Com isso a produção heterogênea foi situada dando abertura para diversas temáticas, havendo uma discussão de questões existenciais, ao repassar as obras, as editoras se preocupavam mais com a linguagem tanto num nível do significante quanto do significado.

Assim, a literatura foi e vai se adequando a época com o passar do tempo, não deixando para trás as marcas de estilos anteriores. Levando em consideração a personificação de monstro dotada na literatura por Ramos, vemos que a figuração de monstro mesmo as atuais sofrem influências de temáticas antigas, como a figura de vampiros, mortos-vivos e entre outros que se cristalizaram na história numa espécie de contracanto

Mas a verdade é que a monstrosidade, nas suas mais diversas formas, é uma das temáticas mais antigas e mais reiteradas da história da Humanidade e da sua cultura e encontra-se representada em diversas manifestações artísticas, como a pintura, a escultura, a arquitectura e o cinema. (RAMOS, 2007, p. 2)

E de fato, como retrata a escritora Ana Margarida Ramos, a figura do monstro é representada desde séculos atrás, por diversas manifestações artísticas demarcando fronteiras e simbolizando, de tal maneira, a figura de monstro como sendo o ser perigoso, a ameaça, a violação, o irracional ou o não dominável, expelindo uma projeção fantástica destes conceitos.

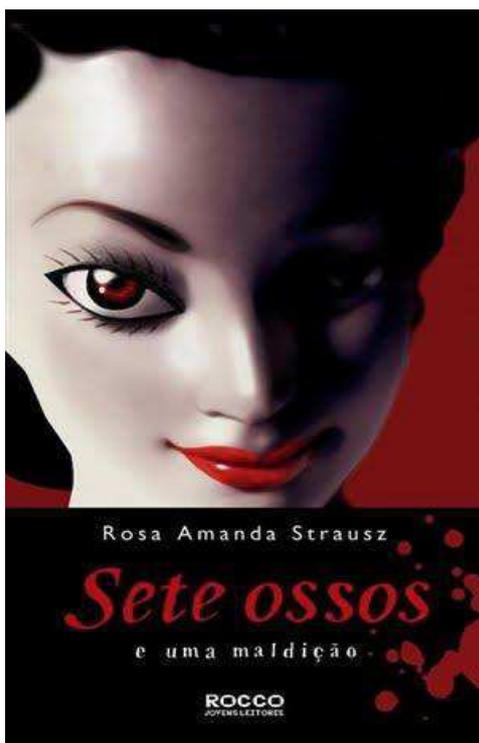
As obras reunidas nesta pesquisa mostram o horror básico e popular da literatura de séculos passados: vampiros, diabretes, crianças possuídas, monstros especiais, zumbis, fantasmas e entre outros, adaptados a um contexto familiar e atual, ou seja, de forma contemporânea. Sabendo que “Os monstros dos livros para a infância são, no fim de contas, os nossos monstros do quotidiano” (RAMOS, 2007, p. 2)

Os três contos escolhidos perpassam por enfoques diferentes tendo objetivos diferenciados quanto a significação dos monstros contidos na obra. O trabalho realizado com cada conto será tratado a partir das temáticas propostas, a simbologia abordada na obra, não esquecendo da carga visual que cada conto traz, sendo formadas a cada leitura cenas que condizem com a exploração e as análises das obras, permitindo ao leitor várias possibilidades de leitura.

As obras propõem situações a serem resolvidas pelo leitor de diferentes modos ao invés de oferecer-lhe soluções com respostas fechadas. O processo de produção da narrativa, o como narrar, torna-se mais importante do que a mera sequência de fatos ou ações vividas pelas personagens (RICHE, 1999.p. 131)

Estruturalmente, a obra é composta por 10 contos que dialogam entre si, fazendo um enlace de mistérios e fenômenos sem repostas, como crianças que somem sem explicação, mortos que aparecem para assombrar crianças, entidades que surgem para matar jovens de susto, vampirismo, bruxarias, centros espíritas, associações com contos bíblicos (demônios), visagens e tentativa de homicídios. Todos com finais misteriosos e incompletos que fazem aumentar ainda mais o mistério.

Ao observar a capa do livro logo é notada as intenções da autora; o uso da imagem de uma boneca espanhola abre várias perspectivas quanto às ideias prévias da obra como: o destaque aos olhos animais com tons vermelhos e mal-intencionados da boneca, um sorriso dissimulado que transmite malícia; o seu rosto em uma penumbra deixa a entender que há um lado obscuro e desconhecido; os respingos de sangue desenhados pela capa fazem relação com a tonalidade dos olhos, do batom e do plano de fundo da imagem central, a testa com um excesso avantajado como se um chifre fosse sair daquele local. Todos estes pontos são deveras importantes para uma leitura prévia da obra; o modo como cada imagem é utilizada é lida como um jogo de significados que fazem sentido no decorrer da leitura.



Disponível <http://maniadebibliotecaria.blogspot.com.br/2013/05/sete-ossos-e-uma-maldicao.html>

As figuras de “monstros” admitidos nas obras literárias contidas em livros infanto-juvenis são de tradição remota, estes postos como o “inimigo” é habituado às cenas de modo que ocasionem fenômenos que dificultem os bem feitos a conquistar seu pleito de glória, ou seja, o objetivo principal da figura monstruosa é deixar cada vez mais difícil a vitória dos “mocinhos”. Deste modo as narrativas de terror incorporam pontos em comum que perpassam, na maioria das vezes, pelo exagero, a crueldade e o desenvolvimento de atuações que transcorrem os limites dos seres causando prejuízos às vítimas.

A forma como a literatura interpreta e tem visto os monstros varia muito de época e cultura, isto acarreta em diversas explicações de sujeito.

Deste modo, podemos selecionar alguns personagens do livro *Sete ossos e uma maldição* com base na escolha de três contos: “Crianças a venda. Tratar aqui”, “O fruto da figueira velha” e “Dentes tão brancos”. Nestes contos são abordados três tipos de “monstros” com objetivos, formas e características diferentes. Destas várias leituras encorpadas a estes personagens selecionamos a sua função na obra e suas características desenvolvidas para prestar o papel opositor do bem e do mal.

Uma análise preliminar dos contos abordados conta também com a persistência da temática “monstro”. Nisto, podemos abreviar os títulos “Criança a venda. Tratar aqui” que num contexto cotidiano passa pelo campo imagético comparado a uma placa de “vende-se”

mais usada na venda de objetos, comida, bens e outros que se enquadram na perspectiva de algo que não provocaria tanta polêmica social; perante o título conseqüentemente temos uma ideia prévia do que será tratado no conto, causando no leitor uma pré-leitura do contexto. No título “O fruto da figueira velha” vemos uma intertextualidade referenciada a história bíblica que condiz com a figueira, associando conseqüentemente a figura de entidades malignas e demônios. Já “Dentes tão brancos” deixa uma incógnita quanto ao seu contexto por ser um título superficial e que sugere quase nenhuma análise prévia de monstros ou conteúdo abordado no conto.

3.1 CRIANÇAS A VENDA. TRATAR AQUI

Partindo dos contos de forma aprofundada vemos no primeiro, “Crianças a venda. Tratar aqui”, uma associação à bruxaria e ao sobrenatural, empregada aos personagens malignos da obra. Nesta narrativa vemos uma mãe- Marialva- a qual todos criticam como sendo fria e desalmada, que acredita na ideia de que seus filhos podem ter um futuro melhor com outras famílias (que fossem ricas) e que com isto ela poderia “lucrar” um pouco com a situação, a única objeção que a mãe faz é que os casais, que comprarem os filhos dela, enviem fotos de seus filhos para confirmar que estão bem, juntamente com um valor em dinheiro que confirmasse que a família estaria satisfeita com a “compra”.

Este pensamento inicial traz a figura da mãe como “monstro”, tanto para o leitor quanto para os personagens planos da obra, com a definição de que atitudes como esta ferem o equilíbrio social, fazendo com que haja a violação do senso comum, das leis de amparo à criança, e a quebra da imagem materna cultural atribuída de séculos passados até hoje.

Os monstros, desde há séculos, asseguram ao Homem uma estabilidade que, ao contrário do que poderia pensar-se, resulta da demarcação das fronteiras da sua própria humanidade. Estes são frequentemente encarados pelos pensadores como uma criação humana, representando (simbolizando), de alguma forma, a violação das leis, o perigo, a ameaça, o irracional e o não dominável, sendo o monstro, por isso, uma projecção fantástica de todos e cada um destes conceitos, acalmando as angústias que dominam os homens. (RAMOS, 2007, p. 2)

Assim como vemos nas considerações de Ramos (2007), a simbologia de “monstro” detida na literatura faz inferência a fatos cotidianos da humanidade, desvendando seu lado maldoso e ameaçador, que por inúmeras vezes se veste/disfarça para não ser exposto à sociedade, mantendo o equilíbrio cultural e imagético.

Em outro momento desta narrativa vemos a mudança da imagem de “monstro” da mãe ser questionada pelo fato de suas condições serem postas como miseráveis:

Olhando bem para o lugar, quem poderia condená-la? Um casebre miserável, perdido numa curva do rio, sem eletricidade, sem comida, sem dinheiro, sem remédio, sem nada por perto. Tinha parido nove filhos. Só restavam cinco quando decidiu vendê-los. Não queria mais ver criança morrendo de fome e doença em seus braços sem que pudesse fazer nada para impedir (STRAUSZ, p. 9)

Tendo em vista que da década de 80 para 90 a comercialização de crianças se tornava cada vez mais comum no Brasil¹, milhares de crianças foram vendidas para casais europeus e um dos motivos para esta atuação é o mesmo destacado nos contos.

Partindo disto vemos novos personagens ganharem efeito, como o caso de Simara: irmã mais velha e invendável pela idade. Fabiojunior: filho mais novo vítima de suposto evento sobrenatural. Padre André: figura religiosa que constata a possibilidade de haver bruxaria. Padre Leal: que desvenda parte do mistério. E o casal misterioso: que não apresentam nomes, mas expressam atitudes suspeitas perante sua forma física e atitudes.

Após a venda de três filhos, Marialva, certa de que estava fazendo o que era melhor para eles, prepara Fabiojunior para receber o último casal, só que diferente dos demais que pareciam felizes e aptos adquirir um filho, entra em cena um casal emblemático que leva o filho mais novo de forma fria e suspeita; para manter qualquer desconfiança despercebida, o consorte envia vários envelopes com fotos do menino e dinheiro.

A imagem monstruosa cai sobre os personagens enigmáticos que aparecem na obra:

- Mãe, a senhora não achou esses dois aí meio esquisitos, não? – perguntou a menina assim que o carro sumiu da estrada.

- Bobagem, menina. Rico é tudo esquisito mesmo.

Mas, no fundo, achou que a filha tinha razão. Não sabia dizer direito o que era- se a expressão meio vazia do casal, o jeito que eles tinham de olhar, meio fixo, sempre para frente, a maneira de se moverem, lenta demais. (IBID, p. 10)

É com esse dado que o conto desvenda o seu clímax, pois posteriormente numa superficial análise da personagem Simara percebe que seu irmão, Fabiojunior, revela sinais estranhos nas fotos mandadas pelo casal, primeiro percebe que, diferente dos outros irmãos que mandavam fotos sorridentes, em parques ou arrodados de brinquedos e abraçados com a nova família, seu irmão mais novo sempre aparecia sozinho, com os braços estendidos ao longo do corpo, sério e com um olhar fixado num ponto distante.

¹ Segundo a organização não governamental (ONG) Desaparecidos do Brasil, nos anos 80 e 90, aproximadamente 19.071 crianças brasileiras foram adotadas por casais americanos e europeus, contudo, sua situação após a adoção era totalmente desconhecida. O Brasil chegou a ficar conhecido como “Exportador de crianças”.

Procurando a ajuda do padre de uma igreja local, logo descobrem a existência de buracos no lugar dos olhos do menino e acreditam na possibilidade de ter sido usado bruxaria na criança; esta resposta pode ser dada com a análise das fotos do garoto.

Neste momento a classificação de “monstro” é marcada por seres sobrenaturais que podem viver pós morte, tendo em vista que foram encontradas tumbas que revelavam a morte do casal há mais ou menos 50 anos.

[...]É comum, em narrativas de horror, que monstros sejam descritos com pronomes como “isso”, ou, ainda, sejam apresentados como indescritíveis ou inconcebíveis, sugerindo que não se enquadram em nenhuma das categorias cognitivas disponíveis. Muitas são as possibilidades simbólicas de promover os temas da intersticialidade, da contradição categórica, da impureza: por **fusão** (combinação de elementos como dentro/fora, vivo/morto, animal/humano, corpo/máquina etc.) [...] (FRANÇA,2011. p. 04)

Esta denominação do Prof. Dr. Julio França, em seu texto *As relações entre “Monstruosidade” e “Medo Estético”: anotações para uma ontologia dos monstros na narrativa ficcional brasileira*, é bem significativa pelo fato de estar associando a imagem de monstro a algo impuro e anormal perante a sociedade, dando a distinção de “fusão” aos personagens que se enquadram na perspectiva de “vivo/morto” agregada ao casal descrito na obra.

Noutro momento percebemos na obra uma incógnita que fecha o conto deixando a leitura cheia de possibilidades que acatam ao leitor uma leitura múltipla de sentidos, quando os personagens Simara e os Padres chegam à casa dos supostos adotantes e encontram um cemitério no quintal do casarão:

Não teve dificuldade em reconhecer o estranho casal que levava seu irmão nas fotografias amareladas que decoravam as duas primeiras sepulturas...
... O último era evidentemente recente e foi para ali que Simara correu. Sobre o túmulo, um nome: Fabiojunio, a última foto que tinha sido enviada à família e a data: apenas uma semana atrás (STRAUSZ, p.16)

Neste desfecho vemos a consolidação de um fato: quando perante a data da morte do irmão, Simara pode confirmar que não há mais nada a fazer naquele local e a dúvida de como o casal poderia ter desaparecido sem nenhuma explicação óbvia e concreta persiste tanto para a personagem quanto para o leitor. Simara volta para casa abalada pela situação e se depara com algo inesperado: sua mãe havia recebido uma carta dos supostos pais adotivos pedindo a compra da última filha. O conto é encerrando deixando indagações e suposições por conta do leitor sem pistas finais nem algo que diga se a menina teve o mesmo fim que o irmão ou conseguiu escapar de tal façanha.

3.2 O FRUTO DA FIGUEIRA VELHA

O sétimo conto da obra, *O fruto da figueira velha*, traz a referência a demônios e entidades sobrenaturais, fazendo uma associação interna com contos religiosos, integrado o personagem maléfico à obra.

Neste caso vemos a categorização da impureza do monstro deste conto enquadrada na percepção de França (2011) dotada em seu artigo em que neste é associada a imagem de monstro por **magnificação** (de um ser natural, considerado impuro ou repelente por uma cultura), sendo ligado à imagem do monstro deste conto. (IDEM, 2011. p.4). Este “medo estético” do qual o autor trata refere-se nas palavras de Francis Wolff:

No medo da morte, desdobramo-nos imaginariamente. Existe aquele que sou, atualmente, aquele que sente medo, que está vivo, e aquele que imagino, a mim morto, e é isso, é ele, sou eu, aquele eu que me assusta (WOLFF, 2007. p.35)

Este medo é produzido pela imaginação do sujeito, assemelhando-se aos mecanismos ficcionais de identificação entre leitor e personagem, ou seja, o medo mais primitivo e universal de forte intensidade- o medo da morte- será ambientado no âmbito imaginário, sendo sentido mesmo que sem evidente risco, o sujeito formará um ambiente de terror além do espaço físico real, tudo isso graças a seu medo, fazendo-o criar/visualizar algo que não está exatamente naquele local.

A obra inicia com fatos comuns e cotidianos; apresenta um casal jovem recém casado que estava à procura de um imóvel e ao descobrir um casarão velho de baixo custo, resolvendo comprá-lo sem dar importância a boatos sobre entidades existentes no local. Após a compra, depois de um ano e várias reformas, o casarão já se encontrara em perfeitas condições de moradia, levando-os a fazer a mudança. Até este momento nada havia acontecido fora dos “padrões comuns”; o conto é bastante descritivo quanto ao espaço, podemos “visualizar” o lugar descrito na obra

Denise não acreditava em casa mal-assombrada. Não há nada que dez baldes de tinta fresca não resolvam, costumava dizer. Além disso, ficou louca quando viu o casarão à venda. Era simplesmente espetacular. Tinha um excelente terreno para fazer jardim e quintal, três salas imensas, cinco quartos, três banheiros e vários cômodos que poderiam ser adaptados. O lugar perfeito para uma recém-casada que pretendia ter muitos filhos. (STRAUSZ, p.56)

Na primeira noite, em um jantar romântico uma dos personagens, chamada Denise, resolve retirar um fruto de uma figueira que se encontrava no jardim da casa e oferece a seu marido o convencendo de que aquele fruto seria uma sobremesa perfeita para aquela noite

especial. Neste momento vemos a inferência que o conto faz à contos bíblicos, em especial à Gênesis 3², em que a mulher come do fruto proibido e compartilha com o homem o alimento, havendo futuras consequências perante a ação. Partindo daí o conto entra no seu ponto sobrenatural, a personagem começa a receber visitas de um demônio de características não-humanas.

Tiago tentava acalmá-la. Dizia mil vezes que tudo não passara de um pesadelo. Mas nada adiantava. Denise ainda sentia inteiro o horror da presença, como se a besta apenas tivesse se tornado invisível, mas continuasse ali.

Desde essa noite, não conseguiu mais dormir direito. Mal anoitecia, seu coração ficava pesado, cheio de pressentimentos. O sono era interrompido a toda hora por sustos que a faziam abrir os olhos na escuridão. Não via nada diferente no quarto, mas tinha certeza de que o demônio estava ali, com seus olhos estúpidos e cruéis fixados nela. (IBID, p. 59)

A personagem começa a notar a presença de algo estranho em seu quarto e neste momento só ela consegue visualizar e ouvir o demônio que conversava com ela e a cobrava o fruto da figueira em troca de um “fruto” que a mulher carregasse. Vemos partindo disto a imagem de “fruto/alimento” ser convertida em “fruto/filho” e a imagem do castigo ser provocada pela ação que a mesma fizera anteriormente.

O peçonhento pulou para o chão, e continuou falando enquanto andava de um lado para outro, balançando a cabeça, mas sem jamais tirar os olhos de sua presa.

— Mas, pense bem, minha linda. Agora, você terá uma chance de ouro de pagar a dívida que tem comigo. Você ficou com meu fruto. Eu fico com o seu. Tudo muito justo. Basta que você me entregue a criança e prometo não voltar a perturbar seu sono. (IBID, p.60)

Neste momento vemos a figura de monstro sendo bem descrita através de características físicas e cognitivas de um ser sobrenatural de origem desconhecida:

Não dava para saber ao certo do que se tratava, se bicho ou assombração. O corpo, muito magro, era recoberto de couro rugoso. A coisa eslava sentada de cócoras, com os joelhos dobrados, mas não da maneira como uma pessoa encolhe as pernas. E os pés e mãos, mais parecidos com garras, lhe diziam que aquilo, decididamente, não era humano.

Nem precisaria dizer, bastava olhar o rosto. A cabeça pendia do pescoço e girava em todas as direções como a de uma galinha. Mas os olhos estavam cravados nela. Miúdos, brilhantes, tão estúpidos quanto cruéis. (STRAUSZ, p. 58)

Diante de desespero e passados meses após a confirmação da gravidez da personagem, vemos a interseção da igreja e de um padre; singular na narrativa, este padre aparece e desaparece misteriosamente na narrativa, sem muitas condições no conto, porém com grande

² E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela (Gênesis 3: 6-7)

significado perante a situação. O casal vê a necessidade de batizar a criança ao nascer com o intuito de interceder a troca com o demônio, por conselho do padre local.

À noite, conforme o prometido, o pároco lhes fez uma visita. Novamente, ouviu toda a história, agora contada por Denise. E repetiu as mesmas palavras que já tinha dito a Tiago:

— Não se preocupe mais com isso, minha filha. O poder que eu represento é muito forte. Ninguém roubará aquilo que só pertence a meu senhor. Assim que a criança nascer, virei buscá-la. Ela ficará comigo na igreja. Lá, ela estará a salvo. (IBID, p. 61)

Como vemos neste trecho, a interseção do padre no momento mais perplexo do conto revela uma questão crucial da narrativa, havendo duas vertentes: de um lado a esperança de haver algo que pudesse salvar a jovem família e do outro a dúvida: quem seria este jovem pároco? como ele surgiu exatamente naquele momento? e a que “senhor” ele servia? Estas indagações puderam ser possível com a leitura do final da obra:

Passaram novamente pela rua toda. Não havia sinal de igreja por ali. Toda a tranqüilidade de Denise tinha desaparecido. Sem dar ouvidos às ponderações dos padrinhos, saltou do carro e começou a correr a calçada de cima para baixo como uma louca. (IBID, p. 63)

Após a saída de Denise e Tiago da maternidade, deixando o recém-nascido aos cuidados do padre da igreja, decidem buscar o bebê no dia seguinte para enfim batizá-lo e descobrem que a igreja havia sumido por completo e juntamente com ela o padre e a criança. Neste momento de aflição e medo Denise encontra no terreno em que se instalava a igreja uma pequena muda de figueira e um fio da manta de seu filho. Esta referência à figueira é deixada por complementação do leitor, nisto pode-se notar a ironia do demônio que havia prometido levar a criança recém nascida em troca do fruto que Denise havia “roubado” da figueira que o ser denominava dele.

Finalmente parou, com os olhos arregalados, fixos num ponto de um terreno baldio. Todos a seguiram.
No centro do terreno, imaculadamente limpo, só havia uma pequena planta. Uma muda de figueira com cerca de cinquenta centímetros de altura.
Ao lado da muda, um fiapo de lã azul misturado com a terra denunciava que alguma coisa tinha sido enterrada ali. (IBID, p. 63)

Novamente a associação do filho ao fruto é remetido e desta vez de forma que a criança se figura em muda de figueira, denunciando a atuação já prometida pelo ser maligno.

Ao fim do conto fica a indagação: o que haveria acontecido e quem seriam os culpados para tal tragédia? Cabe ao leitor entoar suas sugestões pois a obra doa fatos e

elementos que podem ser associados a resposta deixando pistas para um final alternativo, mas não emitindo um desfecho concreto e explicável.

3.3 DENTES TÃO BRANCOS

Quanto ao conto *Dentes tão brancos*, vemos a história de um amor adolescente, em que Andréia, uma jovem, é convidada a uma festa na casa de sua amiga Mariana e nesta descobre um rapaz (cujo nome não é revelado), que chama muito à atenção da jovem por obter de características marcantes como: cabelos longos ruivos, olhos violeta e pele muito branca, sendo apresentado à ela apenas como: *seu amor*.

Essa mistura de confusão, curiosidade e admiração resultou em uma paixão repentina a qual a personagem não conseguia explicar e chega a deduzir que está sob “encantamento”:

Embora o palco estivesse a alguns metros de Andréia, com apenas um salto, ele colocou-se ao lado dela. Foi um movimento estranho. Ele não tinha a elasticidade de um gato. Pelo contrário, parecia meio duro ao mover-se. Lembrava mais um vôo sem suavidade. Ou uma aparição fantasmagórica. Mas não era um fantasma quem lhe sorria tão encantadoramente. (STRAUSZ, p.37)

Nesta narrativa podemos apontar prontamente a figura de monstro empregada no conto. Este personagem aparece na cena, inicialmente, como um personagem romântico e sedutor; após algumas eventualidades se torna um ser estranho e sobrenatural. Suas atitudes mudam de acordo com o momento, fazendo parecer monstruosas suas características.

Sem afrouxar o braço que segurava firmemente a cintura da menina, aproximou sua boca para um beijo. Mas a menina estava realmente assustada e virou o rosto. Neste momento, ele riu. Não foi como antes. Antes, só tinha sorriso, o que dava a seu rosto, já belo, uma luz ainda mais especial. Agora, ele riu mesmo, abrindo os lábios e deixando à vista uma boca totalmente desdentada. Tomada por forte sentimento de repulsa, Andréia tentou gritar. Mas, como nos pesadelos, sentiu que a voz estava presa em sua garganta.
— Não grite, “Meu Amor”. Eu só quero um beijo seu.
Agora, o rapaz segurava firmemente seu rosto, de modo que a menina não conseguia olhar para outro lado ou desviar-se. “Seu Amor” voltou a rir com vontade, exibindo as gengivas vermelhas. (IBID, p.40)

Neste momento de horror vemos a personagem Andréia ser surpreendida pela nova face do personagem por quem ela estaria possivelmente apaixonada; nisto vemos a versão de monstro como um ser que se formata de acordo com a situação, como se camuflasse sua versão original para não causar medo nas suas vítimas. Como podemos notar nos últimos momentos de tal agonia aparece a verdade cruel por traz daquele ser, inicialmente apaixonado e belo:

Diante do terror da menina, cujo rosto permanecia preso entre os dedos do rapaz, “Seu Amor” sibilou:

— Está com medo? Não se queixe, minha querida, você é uma garota de sorte. Destino pior teve a que me cedeu a pele, a que me deu os ossos, a linda menina que me doou esses belos olhos cor de violeta, ou sua amiga Karina, de quem herdei essa bela cabeleira. Andréia sufocou um grito de pavor. Lembrou-se de Karina e do indescritível sofrimento da amiga, submetida a uma quimioterapia que lhe podara os longos cabelos ruivos. Começou a chorar. (IBID, p. 40-41)

Após esta conversa reveladora Andréia se apavora, ao descobrir que aquela pessoa admirável era um ser sobrenatural que sacrificava de suas vítimas partes do corpo para apossa-se de características marcantes delas, absorvendo-as em seu corpo de forma forçada e mística. Esta repulsa que Andréia sofre na narrativa é explicada por França (2011) quando o mesmo cita através de Cohen (2000) a limitação do horror artístico em revelar o medo à ameaça perpetuado por um monstro de características assombrosas, sendo perceptível na:

(...) tendência que os romances e as histórias de horror têm de descrever os monstros com termos relativos a imundície, degeneração, deterioração, lodo etc., associando-nos a essas características. Ou seja, o monstro na ficção de horror não só é letal como também – e isso é da maior importância – repugnante (COHEN, 2000. p. 39).

Assim como os contos anteriores, também pode ser classificado o ser monstruoso deste conto na categoria de **massificação** perante o significado de um ser considerado impuro ou repelente por uma cultura.

No desfecho da obra vemos a concretização dos fatos em que há a consequência da personagem perante o ser maligno que a havia prendido naquela noite:

No dia seguinte, acordou melhor. Parecia, de fato, que tudo não passara de um pesadelo. Animada, levantou-se e vestiu-se para ir à escola. O cheiro de café fresco feito pela mãe e do pão quentinho chegava até o quarto onde a menina se arrumava. Penteou os cabelos, prendeu um coque no alto da cabeça e sorriu para o espelho. Foi então que percebeu a falta de um dente, o incisivo superior do lado esquerdo. Deu um grito apavorado e levou a mão à boca. O canino superior do lado direito saiu na sua mão. Tateou a arcada. Estavam todos moles, pendurados na gengiva como roupas no varal em dia de ventania. (IBID, p. 41)

Andréia se tornará mais uma vítima de um monstro que continuaria solto e apto a seduzir mais e mais pessoas que viessem a ser convenientes para ele. Nos trechos finais do conto, um bilhete é entregue a personagem vitimada com a promessa de volta para um “beijo perfeito” de seu atacante, criando um desfecho cheio de dúvidas sobre o que ocorreria com a garota e quanto ao “beijo”: Levaria ao mesmo fim que as outras- a morte?

Vemos nos três contos que o mistério é assíduo nas narrativas, com finais múltiplos para a criatividade do leitor, Strausz deixa pistas por todo o texto, produzindo na mente do leitor diversas possibilidades de leitura. O rumo que os contos tomam revela uma ponte que

liga todos os contos; o fato de que eles perpassam por uma narrativa deveras simples e cotidiana, sendo deparados por um estranhamento no ápice do conto, faz com que haja a quebra de perspectiva e passem do fantástico para o estranho e o maravilhoso, deixando-os em um estado de fuga do natural, passando a envolver personagens fictícios e não-humanos.

Em seu ensaio “A cultura dos monstros: sete teses”, Jeffrey Jerome Cohen (2000) compartilha do pensamento da ameaça do monstro ser baseada na cognição muito mais que no estado físico. Pontuam que estes seres pregam a crise de categorias, por serem híbridos e não se encaixarem em taxonomias, resistindo às tentativas de inclusão numa estrutura sistemática.

Cohen defende que a figura de monstro aparece em sua forma em épocas de crise, como sendo um terceiro termo que problematiza, causando choque entre os extremos, desestabilizando qualquer sistema ordinário, ameaçando acabar com qualquer métodos tradicionais de organização, havendo a corporificação das diferenças, funcionando como um “outro dialeto”, ou seja, um terceiro termo diferente de uma maioria dentro de uma cultura, política, racial, econômica e sexual. (COHEN, 2000, p. 41)

Em suas condições de “diferente”, o monstro seria um “alerta contra os riscos”, uma advertência aos que ousam se aventurar além do que é permitido pelo social. “Cruzar os limites pode significar tanto arrisca a se tornar vítima do monstro quanto vir a se tornar um” (COHEN, 2000, p.41). Para ele o monstro policia as fronteiras possíveis, ditando o que não deve ser exercido “As mesmas criaturas que aterrorizam e interdita podem evocar fortes fantasias escapistas; a ligação da monstruosidade com o proibido torna o monstro ainda mais atraente como uma fuga temporária da imposição”. Para Cohen, o medo que se sente do monstro é, paradoxalmente, também uma espécie de desejo. (IBID. p. 48)

Nesse movimento entre a repulsa e a atração assentar-se o domínio do monstro. Não por acaso, a sedução exercida pelos monstros relaciona-se diretamente ao espaço privilegiado em que aparecem. As “fantasias de agressão, dominação e inversão”, evocadas pelas monstruosidades, surgem no espaço delimitado da ficção, onde o medo que geram é resultado do prazer estético. Em outras, palavras, os monstros da ficção só são tolerados porque o público conhece o acordo. (IBID. p. 49)

Nas obras analisadas acontece com frequência este dado, os personagens atraem os monstros, pactuam com eles e fazem acordos concretos que acabam deixando consequências definitivas e sem conserto ou volta.

4. CONTOS DE TERROR NA SALA DE AULA: UMA APOSTA POSITIVA PARA O ENSINO DE LITERATURA

Pesquisas baseadas na 4ª edição do artigo *Retratos da Leitura no Brasil*³, realizada pelo IBOPE indicam um aumento no número de leitores de 6 pontos percentuais entre 2011 e 2015, sob encomenda do Instituto Pró-Livro. Este levantamento entrou em vigor no primeiro semestre de 2016 e teve alcance nacional de 104,7 milhões de leitores, ou seja, 56% da população. A metodologia empregada nas pesquisas considera como leitor aquele que leu inteiro ou em partes, pelo menos um livro durante o período de três meses. O levantamento considerou todos os gêneros: contos, romances, poesia, gibis, bíblia e entre outros.

Entre os ouvidos pela pesquisa 8% se declarou "não alfabetizado" ou que "não frequentou escola formal". Outros 21% disseram ter ensino fundamental I (1º ao 5º ano), 25% declararam ter o fundamental II (6º ao 9º ano), 33% o ensino médio e 13% o ensino superior. Os demais considerados não leitores atingiu a máxima de 44%, tendo em vista que este percentual é avaliado por pessoas que não tem incentivo familiar e aumento de sofisticação de aparelhos eletrônicos, como televisão, computador e celulares.

Com base nestes dados podemos verificar que a quantidade de leitores está situada muito mais em alunos de fundamental II e ensino médio, ou seja, o público infanto-juvenil. É pensando nisto que apostamos numa relação bastante cuidadosa com essa classe de leitores. Assim como também os não leitores que se enquadram no percentual de 44%, sendo alvo de instrumentos atuais e eletrônicos e que ganham força a cada dia, afastando os pré-adolescentes do contato com o livro físico, pois acham nos meios tecnológicos muito mais rapidez e facilidade, diferente do processo de leitura, que demanda um pouco mais de tempo e tranquilidade.

Por meio de experiências de estágios e observações de aulas, pudemos perceber que a grande maioria dos estudantes praticam a leitura em sala de aula por obrigação, não leem pelo simples prazer de ampliar suas leituras, porém quando apresentados a contos de terror, mesmo que extensos para eles, prestavam um interesse muito maior e se envolviam com facilidade na narração.

Isto pode ser explicado pelo fato da literatura fantástica explicar um campo de suspense, curiosidade, espanto e de imprevisibilidade. Assim como afirma Todorov "o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural (TODOROV, 2010, p. 31). Por meio da linguagem submetida nos contos da obra

³ Retratos da Leitura no Brasil- 4ª edição. É o título da pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro em união com o Ibope Inteligência e possui como principal objetivo o fomento à leitura e a difusão e acesso ao livro.

trabalhada, o leitor é levado por um caminho de acontecimentos sobrenaturais, que indica a aparições de seres animados e/ou deformados que causam espanto e ao mesmo tempo prendem o leitor os levando a desvendar o mistério encontrado (ou não) no final.

A maioria dos estudantes, principalmente na fase da pré-adolescência, não encontram motivação para leitura de livros literários, independente do gênero; buscam refúgio em filmes, programas de televisão e redes sociais. Isso se dá, muitas vezes, pela maneira como o professor utiliza o texto em sala de aula, usando-o como pretexto para abordar outros assuntos, deixando de lado a essência do livro (CARVALHO, 2008).

Além da intervenção do professor em sala, são necessárias três circunstâncias para que o leitor perceba e se integre com o texto fictício:

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; [...] no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética” (TODOROV, 2010, p. 38-39)

O escritor contemporâneo Stephen King escreveu um livro intitulado *Dança Macabra* (2012) e nele buscou explicar a ocorrência do terror em livros literários, filmes e seriados. Nele King estabelece três níveis de intensidade para classificação do gênero terror: o horror, o terror e a repulsa. Todos podem estar, de alguma forma, presentes em um mesmo texto. O horror seria a emoção presente na superfície do texto; é a mostra de que algo não está normal, mas pode ser explicado com argumentos convincentes, sendo algo fora dos padrões, mas suportável. O terror seria a emoção imaginada e experimentada pela mente, ou seja, algumas coisas se tornam aterrorizantes passados por uma mente criativa como: ruídos no sótão, batidas na porta, barulho do vento, galhos quebrando. Quando não se acredita que estes barulhos são naturais, passa a se permitir a possibilidade de haver algo por trás de episódios comuns. Já a repulsa se enquadra no último nível: esta emoção é visualizada com algo repugnante, sendo marcada como a pior coisa possível que se possa fazer com um corpo.

Com relação ao que pode ser trabalhado com os alunos, podemos destacar que, com relação aos jovens, o imagético da leitura literária se torna deveras importante para alcançar um estímulo maior perante as aulas, o que chama mais a atenção dos mesmos está contido na presença do maravilhoso, mágico, fantástico ou estranho.

Devido a esses motivos, optamos por dar enfoque aos contos de terror/horror, com o intuito de trabalhar esse gênero com a pressuposição de que os alunos serão instigados à

leitura, tendo a proposição de sensações das mais diversas possíveis, com enfoque no medo, na hesitação e na curiosidade.

4.1 PRÁTICA VIVENCIADA: A APLICAÇÃO DOS CONTOS DE TERROR EM SALA E SEUS RESULTADOS

Os livros didáticos possuem elementos muito interessantes para o trabalho em sala de aula, desde que o professor tenha um conhecimento das “informações extras” não contidas integralmente nos livros, para uma explicação mais clara do que se sucede. A prática da leitura entonada torna-se um método adequado e essencial na literatura de terror, por exemplo, a frase “Demônio! Como ousa aproximar-se de mim?”, poderia ser lida com uma voz mais expressiva, quase gritando e exprimindo muita raiva, fazendo com que os alunos sintam hesitação e medo diante da figura imaginária que o monstro pode se tornar. Elementos como este são essenciais na literatura de terror.

A leitura conjunta em sala de aula é uma porta para o compreender do aluno, tendo em vista que o auxílio do professor ocasionará mais interesse por meio da leitura e as dúvidas dos alunos serão rapidamente diminuídas, a mediação desta competência ajuda o alunado a apreender fatos, críticas, ideias e entre outros fragmentos que estão contidos em obras literárias.

De acordo com Nádía Battela Gotlib (2006), em seu livro *Teoria do conto*, este gênero se caracteriza por ser narrativa breve e objetiva. Associamos a “breve” a não ocupação de muito tempo na leitura e, quanto à objetividade, está associada ao fato de não apresentarem tantos detalhes quanto aos acontecimentos, cenário e personagens, ocultando certos episódios que fazem com que o leitor imagine e preencha as lacunas que faltam. No caso dos textos de terror, essas aberturas se tornam a chave para o efeito do medo e do suspense.

Trabalharemos, especificamente, os contos do livro *Sete ossos e uma maldição* da escritora Rosa Amanda Strausz, que aplica o recurso de expectativa crescente por parte do leitor, que é alimentada no desenvolvimento do conto até o seu desfecho. Este efeito refere-se à impressão que o leitor sente no momento da leitura; dependendo do nível de interação com a história, o suspense se amplia através de expectativas, que são geradas com a inserção de informações no decorrer da narrativa.

Com o uso de três contos deste livro, em sala de aula, foram ministradas nove aulas que serviram como suporte para a aplicação do estágio supervisionado obrigatório em prol da

Universidade Federal de Campina Grande, no curso de Letras Licenciatura de Língua Materna, no campo da Literatura. Foram trabalhados alguns contos do livro *Sete ossos e uma maldição* em uma turma de 9º B, tendo a presença de 25 alunos de idade entre 13 e 15 anos, de uma escola pública na cidade de São Vicente do Seridó- PB.

Pensando no enfeito da literatura em sala de aula, podemos frisar que:

[...] o ensino da literatura se tornou, para a maioria dos alunos do nível médio, não um encontro pessoal com uma determinada obra, mas um tormento, uma vez que têm que decorar uma lista relativamente longa de autores e obras características de estilos de época[...] (PINHEIRO, 2006.)

Ou seja, o cuidado que deveremos ter nas aulas de literatura se torna maior, levando em consideração a grande evasão às aulas de literatura, pelo o fato do professor não conseguir manter um interesse e atenção dos alunos. O principal interesse do estágio foi incentivar e desenvolver a oralidade pela contação de histórias, estimulando a leitura e aproveitar as emoções características que o gênero de terror produz aos leitores, incentivando, também, a escrita e a recriação de contos.

Para as aulas de literatura foi utilizado o livro como um todo, frisando imagens, títulos e contos como uma proposta diferente do que já haviam estudado, sempre propondo ao final uma análise oral dos alunos, deixando-os expressar suas opiniões e enfoques mediante a obra, assim como diz Pinheiro:

Acredito que é possível ser didático sem ser necessariamente, rasteiro. E acredito também que os alunos, devidamente estimulados/motivados, poderiam realizar alguns exercícios de crítica, que tivessem como leitores os próprios colegas de escola...

Vale a pena estimular a escrever sobre o que leu... E ao expressar seu ponto de vista sobre o texto- sempre fiel ao texto o estudante estará fazendo um exercício de crítica (PINHEIRO, 2006, p. 120-121)

É necessário ouvir o que o aluno tem a dizer sobre o que está sendo visto para que o exercício de analisar e refletir se torne um estágio prazeroso e de cunho crítico-analítico. E este exercício de debate em sala causou, na turma em que estagiei, grande alvoroço quanto aos questionamentos feitos, mostrando alunos atentos; muitos associavam com histórias que familiares os contavam e se intrigavam com a incógnita de se seria verdade ou mentira aqueles acontecimentos.

As aulas era ministradas uma vez por semana, com o público pré-adolescente e a supervisão da professora titular da turma, durante o período de estágio. Nestas aulas o emprego da obra foi bem sucedida pelos discentes, mesmo que fossem ministradas nas sextas-feiras, com a carga horária de três aulas sendo as últimas do dia.

Com toda cautela para que as aulas não se tornassem cansativas, levei para a sala de aula o conto *Crianças a venda. Tratar aqui* e introduzi primeiramente o livro por suas imagens. Logo obtive um grande interesse dos alunos perante a obra, após isso escrevi na lousa o título do conto que iríamos ler, “Crianças à venda. Tratar aqui” e partindo disto fizemos uma análise sugestiva do que trataria a obra. Novamente se prestaram interessados e criativos quanto às indagações feitas; continuando a análise partimos da imagem que o conto trazia:



[Menino dos olhos vazios e de aspectos mortíços]

Os alunos sugeriram mais ideias quanto ao que poderia se tratar. Trabalhando a oralidade fizemos anotações na lousa com as sugestões debatidas no decorrer da aula, respondendo às indagações: “Do que trata o conto?” “Que imagem ele traz?”. Obtive

respostas como: “o conto trata de uma criança”; “fala de venda de crianças”; “de uma criança que morre no final” e assim com base na ideias iniciais dos mesmos fomos conversando.

Iniciamos a leitura conjunta e oral, mudando constantemente o tom de voz utilizado, aplicando suspense em certas passagens (“Bastou-lhe focalizar os olhos do irmão para encontrar a explicação de sua expressão vazia: estavam furados [...] Com um grito apavorado, Simara chamou o padre” (STRAUSZ, p. 12)) e crueldade em outras (“Diante do olhar apavorado da menina, Marialva franziu o cenho e engrossou a voz: - Já para o banho. Está na hora de você também aprender a ser chique. (IDEM, p.17)). A cada parágrafo lido fomos debatendo e o que parecia ficar cansativo e prolongado, por causa da extensão do texto, tornou-se agradável e positivo. Gotlib (2006) afirma que é a entonação utilizada que vai distinguir um texto de terror de outro texto.

Ao fim da leitura pudemos confrontar as ideias iniciais com as finais e percebemos semelhanças quanto ao que foi dito e os impactos que trouxeram o conto; tentando chamar a atenção dos alunos, frisei a oscilação entre a ficção e o real. Muitos argumentaram “isso não pode acontecer na vida real”; “bruxaria não existe” e após um breve instante de reflexão houve associações com fatos ocorridos e assistidos em telejornais, no próprio cotidiano dos alunos e nisto foram percebendo intercessões com o real e o interesse pelas obras foi dobrado.

Em outro momento foi discutida a possibilidade de haver a criação de um final alternativo, ou seja, uma finalização a qual a obra deixa brechas; após responderem às questões “o que acreditam que ocorreu com o personagem desaparecido na obra?” “O que vocês acham que aconteceu com Simaria?”; “Será que o casal realmente a levou?” “Se ela tiver sido levada pelo casal misterioso, o que ela fez para se salvar ou o que eles fizeram com a menina?”.

Pensando nisto houve uma produção oral em que os mesmos puderam apresentar suas opiniões e dados que auxiliariam num final que explicasse o inexplicável contido no final do conto. Como resposta selecionamos:

“Uma mãe que colocou seu filho a venda e o casal que adotou o menino fazia bruxaria, Marinalva que é a mãe do menino que foi adotado teve nove filhos, 4 morreram de fome e de doença”.

Como vimos na resposta sobre um diagnóstico da obra, a aluna identificou a temática bruxaria no conto; a leitora concluiu por meio de uma investigação no texto e sugeriu que havia acontecido tal evento com o personagem desaparecido após avaliar um recorte do conto:

Mas a menina era determinada. E não queria perder mais tempo.
 — Então, nos leve até lá. Acho que meu irmão está correndo perigo.
 O religioso limitou-se a balbuciar:
 — Seu irmão está morto.
 Padre André não se deu por vencido.
 — Precisamos da sua ajuda. Talvez ainda possamos salvá-lo. Tenho certeza de que se trata de um caso de bruxaria. (STRAUSZ, p. 14)

O diagnóstico final foi satisfatório com análises pessoais quanto suas opiniões, porém ainda escassos quanto a descrição do ocorrido, talvez por se tratar da aula pioneira naquela turma, servindo de base para as outras aulas, levei o objetivo de trabalhar a oralidade para as demais aulas notando a grande dificuldade por parte dos alunos de participação nas aulas, com o intuito de que as aulas ficassem ainda mais estimulantes.

Para a segunda aula foi utilizado um outro conto *O fruto da figueira velha*, sendo ministrada no mesmo campo metodológico, prestando o desenvolvimento dos alunos quanto suas análises mediante as imagens e a obra:



[Imagem da figueira e um bebê]

Partindo desta imagem, foram feitas mais de uma análise da obra, levando em consideração o título com a imagem, associando o significado de fruto à criança e ao fruto como alimento.

Este conto se enquadra no terror implícito, tratado por King (2012), estando carregado de medo, mistério e suspense. A linguagem que a obra usa faz o leitor acreditar nas superstições sobre a figueira e o demônio, e cada detalhe instaura mais medo e terror.

Assim como foi dito sobre o conto anterior, a maneira como foi lido o conto pode influenciar muito em seus significados e nos efeitos causados. Uma leitura compassada, com elevações e diminuições no tom de voz, no caso de (“Embora a coisa não a tocasse com as mãos, Denise sentia a garganta comprimida de tal modo que não conseguia gritar. Tampouco podia mover o corpo. Muda e paralisada, viu quando a criatura abriu a boca” (STRAUSZ, p. 73)) detalhes como este auxiliou na criação do clima de mistério e horror, prendendo os alunos à narrativa, querendo saber o que iria acontecer em seguida, mesmo que as consequências não sejam agradáveis.

Vendo o sucesso quanto ao planejamento e execução pude ter mais segurança em aplicar a atividade de pesquisa, em que os mesmos buscariam no texto trechos que comprovassem a resposta dada oralmente, confirmando as temáticas que havíamos encontrado. Feito uma pesquisa conjunta encontramos quatro temáticas: religião, matrimônio, fenômenos sobrenaturais e medo.

Dentro disto selecionamos a resposta de uma das alunas que encontrou no decorrer do conto trechos que provavam a temática que a mesma havia encontrado:

Matrimônio: “O lugar perfeito para uma recém-casada que pretendia ter muitos filhos”

Religião: “Figueiras são as casas do diabo. Sempre lhe dizia sua avó”

Fenômenos Sobrenaturais: “Histórias que sempre julgara pertencer ao folclore e as crendices populares”

Medo: “Não era faz de conta. Denise não conseguia se mexer, nem falar, nem gritar”

[Texto transcrito do original (em anexo: atividade de temática)]

Com o uso desta atividade recuperei histórias e relatos vividos pelos alunos, partindo de suas culturas dando oportunidade para que os mesmos saíssem da condição de “alunos robôs” que a escola tanto aplica e deseja.

Considerando o fundador da Estética da Recepção (1964), Hans Robert Jauss (1921-1997) como grande nome da escola crítico-estética do pós-guerra, este alemão desenvolveu a dinâmica do leitor, ouvinte e espectador como fator essencial à constituição e aplicando suas teorias a nossa pesquisa vemos que, apesar das diversas iniciativas de incentivo à leitura desenvolvidas pelas escolas e associações de educação, ainda existe uma enorme dificuldade

para formação de leitores em nossa sociedade. Isso pode ser ocasionado pelo fato de que, de uma maneira geral, o leitor não consegue estabelecer uma ligação entre o que lê e seu cotidiano, é necessário haver uma restauração da relação entre texto e leitor, de forma que haja uma valorização da experiência humana e o processo de comunicação com o intuito de compreender o sentido do objeto literário. Assim, o estudo não se restringe à vida e a obra de alguns autores, prática comum nas escolas. Em seu texto, *Estética da Recepção e História da Literatura*, Zilberman (1989) enfatiza que Jauss apresenta um método de análise literária que envolve a compreensão, a interpretação e a aplicação.

Disso resulta a dupla tarefa da hermenêutica literária: diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. [...]. De um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos (JAUSS, 1994, p.70).

O que chama de compreensão pode ser considerada como o ponto inicial da leitura, a fase de interpretação, tendo a fase seguinte de aplicação. Com isso, Jauss infere que na compreensão simultânea se inicia a interpretação, fazendo com que a compreensão do texto signifique saber o que ele propõe.

O leitor traz para a realidade em que vive acontecimentos de textos da ficção e leva para a ficção fatos de textos reais e históricos, baseados no seu entendimento da realidade se baseando em leituras assimiladas a conhecimentos prévios. (JAUSS, 1994, p. 70)

A recepção que os leitores fazem de uma obra pode ter continuidade de uma geração à outra, evidenciando uma qualidade estética, como foi o caso das aulas de literatura ministradas no 9º ano, os alunos assimilavam contos anteriores contados por outros, seja parentes ou não, aos contos analisados em sala, havendo uma interação entre o leitor e texto, evidenciando o papel de leitor como um coprodutor da obra produzida pelo autor, ou seja, ocorreu a historicidade literária.

Assim como em toda experiência real, também na experiência literária que dá a conhecer pela primeira vez uma obra até então desconhecida há um saber prévio, ele próprio um momento dessa experiência, com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial. Ademais, a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. (JAUSS, 1994, p. 28).

Por fim, foi realizada uma atividade oral, em que os alunos apresentariam aspectos do conto em que eles associados a outros contos, como histórias bíblicas e narrativas folclóricas que faziam referência as temáticas encontradas.

Para as últimas três aulas na turma, trouxe a obra *Dentes tão brancos*, que apresentaria uma concepção de romance e terror, se diferenciando dos demais levados até o momento. Como metodologia foi atribuído, primeiramente, a leitura da imagem com o título:



[Moça sem face, séria e de traços bonitos]

Este conto se encaixa na percepção de King (2012) em que ele chama de terror explícito, as narrativas que são descritas com frialdade realista, com a cena em que o personagem “Seu amor” agarra Andréia e muda algumas características de seu corpo, revelando sua face monstruosa (“Ele sorriu, melancólico. A luz violeta tinha desaparecido de seus olhos” (STRAUSZ, p.48); “Assustada, tentou recuar, mas “Seu Amor” acendeu a chama violeta de suas pupilas e disse: — Não tenha medo.” (IDEM, p.50); “Agora, ele riu mesmo, abrindo os lábios e deixando à vista uma boca totalmente desdentada. Tomada por forte sentimento de repulsa, Andréia tentou gritar” (IDEM, p. 50); “Agora, o rapaz segurava firmemente seu rosto, de modo que a menina não conseguia olhar para outro lado ou desviar-se. “Seu Amor” voltou a rir com vontade, exibindo as gengivas vermelhas” (IDEM, p. 50)).

Ao fim da narrativa, foi mantido mais uma vez a análise do conto, em especial do desfecho o qual deixa brechas com a intenção de fazer o leitor buscar inferências que ocasionem em um final, utilizando de pistas que estão expostas no decorrer da obra.

Como último exercício, e desta vez de criatividade, foi resguardado um tempo, ao fim da aula, para a criação de um desfecho para o conto trabalhado. Como exemplo selecionamos uma obra, em anexo (atividade de criação 1 e 2).

Em ambos os contos foi importante mostrar aos alunos que todo mistério, suspense e medo são possíveis devido ao jogo da linguagem utilizado pela escritora, utilizando de métodos como: a noite, o silêncio, seres sobrenaturais, o estranho, a loucura dos personagens, os ruídos e entre outros que ativam a curiosidade em saber o que vem depois e o que está “por trás das cortinas”.

A maneira pela qual uma obra literária, no momento histórico de sua apreciação, atende, supera, decepciona ou contraria as expectativas de seu público inicial oferece-nos claramente um critério para a determinação de seu valor estético (JAUSS: 1994, p.31).

O valor estético de uma obra provém da percepção estética que a obra é capaz de provocar, ou seja, o leitor se relaciona com a obra por meio das experiências que traz consigo no ato da leitura e o “estranhamento” causado ao leitor acontece quando há um rompimento de seu horizonte de expectativas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta pesquisa foram selecionados três de uma coletânea de dez contos do livro *Sete ossos e uma maldição* para uma análise aprofundada e detida ao gênero fantástico, estranho e maravilhoso, com o intuito de demonstrar a passagem que estas narrativas de terror ocorrem, demonstrando que pode haver a possibilidade de obras exercerem a função de mais de uma ou todas as perspectivas apontadas na discussão. Trazendo contribuições para pesquisas futuras no campo do terror infanto-juvenil.

Vimos também que a figuração de monstro não está tão distante do cotidiano e que a monstruosidade aplicada nos personagens é de fato vívida por qualquer um de nós, tendo em vista que os monstros nada mais são que pessoas mal intencionadas, as situações de risco, o medo e entre outros fatores que possibilitam empregar a imagem do diferente causador destruição. Nas obras estes monstros são figurados e classificados com base nas concepções de França (2011) e por meio de análises pudemos notar a **massificação** e a **magnificação**, presentes, pós análise, nos contos.

Em relação ao *corpus* de pesquisa detido a este trabalho, apresenta grandes atrativos perante seu valor temático e visual, sendo contos curtos e de linguagem fácil, tendo uma

facilidade maior em adequá-lo à sala de aula. E é esta adequação que vimos e ministramos em experiências reais no âmbito escolas, mais precisamente numa turma de adolescentes do 9º ano de uma escola pública. Todos os fatos e fatores empregados e pontuados nesta pesquisa tiveram de real aplicação e obteve um alcance significativo que resultou em dados para este trabalho.

Este trabalho proporcionou um contato maior com o gênero terror infanto-juvenil e sua aplicação em sala serviu para ampliar as concepções e conhecimentos do profissional da educação trazendo novas possibilidades quanto o ensino criativo e o afastamento de aulas padronizadas e automatizadas que a anos se instalam no típico espaço escolar.

6. REFERÊNCIAS

COHEN, Jeffrey Jerome et al. *Pedagogia dos monstros; os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FRANÇA, Julio. *As relações entre “Monstruosidade” e “Medo Estático”*: anotações para uma ontologia dos monstros na narrativa ficcional brasileira. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Departamento CULT, Setor de Teoria da Literatura. Curitiba. 2011.1-7.

FROTA, A. J. S. *A criação do fantástico, do estranho e do maravilhoso em três contos norte-americanos*. In: *Via Litterae*, v.4, n.1, p. 123-144. Disponível em: <http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae/assets/files/volume_revista/vol_4_num_1/Via_Litterae_4-1_2012_9-ADOLFO_FROTA_A_criacao_do_fantastico_estranho_e_maravilhoso.pdf> acessado em 29 de dezembro de 2017 às 22:42pm<

FURTADO, Maria Sílvia Antunes. *O fantástico e estranho na literatura e os desafios da crítica psicanalítica*. Revista Garrafa, [S.l.], v. 8, n. 23, mai. 2010. ISSN 1809-2586. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/7365/5923>>. Acesso em: 22 Dez. 2017.

GENS, Rosa. *Terror à brasileira: narrativas de medo para crianças e adolescentes*. In: COLE, 2003, Campinas. COLE. Campinas: ALB, 2003.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KING, Stephen. *Dança macabra [recurso eletrônico]: o terror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero/ Stephen King*; tradução Louisa Ibañez. – Rio de Janeiro, Objetiva, 2012.

MASSAGLI, Sérgio Roberto; DALCANALLE, Lucieli. *A literatura de terror como incentivo à leitura de textos literários para pré-adolescentes*. Artigo para Trabalho de Conclusão de Curso II. Realeza/PR, UFFS.

PINHEIRO, Hélder; NÓBREGA, Marta. (orgs). *Literatura: da crítica à sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2006. 181 p.

RAMOS, Ana Margarida. *Os Monstros e a Literatura para a Infância e Juventude*. - Gulbenkian- Casa da leitura, 2008. 1-11

RICHE. Rosa Maria Cuba. *Literatura infanto-juvenil contemporânea: texto/contexto caminhos/ descaminhos*. Perspectiva. Florianópolis, v.17, n. 31, p. 127 -139, jan./jun. 1999.

SILVA. Michel Goulart da. *Escritas do medo: horror e sobrenatural na literatura. Todas as Musas* ISSN 2175 – 1277. Santa Catarina, 2017.

SILVA, RFS. *O Horror na Literatura Gótica e Fantástica: uma breve excursão de sua gênese à sua contemporaneidade*. In MAGALHÃES, ACM., et al., orgs. *O demoníaco na literatura* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 239-254. ISBN 978-85-7879-188-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. All

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. 3a ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. Ed. Ática. São Pauçp. 1989.

Acessado em 21 de Dez de 2017 às 23:14 pm
<<https://scholar.google.pt/citations?user=icPqN0cAAAAJ&hl=pt-PT>>

Acessado em 21 de Dez de 2017 às 23:24 pm
<<https://www.escavador.com/sobre/7452885/rosa-maria-de-carvalho-gens>>

Anexos

Atividade de criação 1

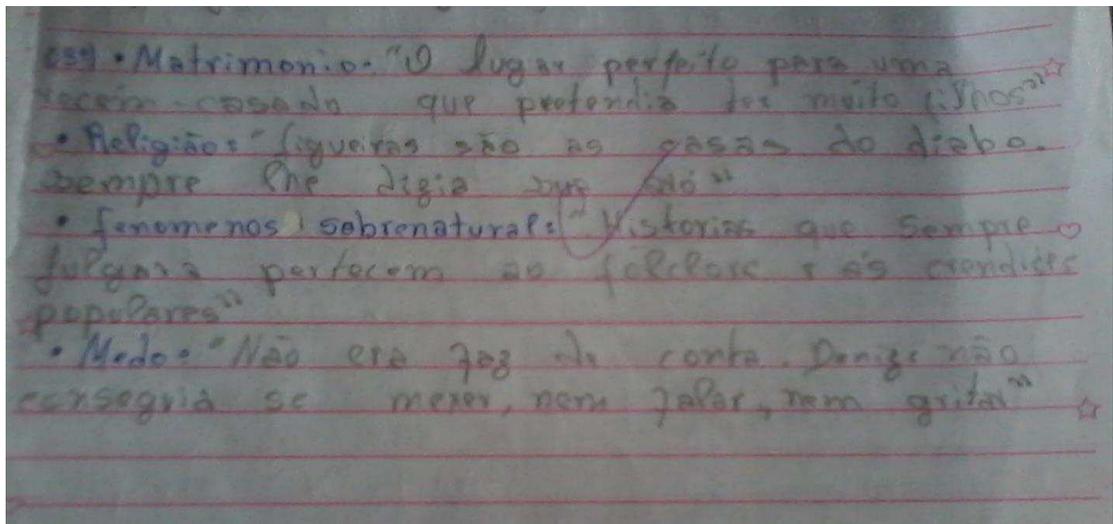
02: Depois de ler o bilhete ela ficou muito assustada e os dias se passaram e ela lembrou o medo que ela estava sentindo foi até a escola e quando estava voltando para casa se deparou que tinha alguém lhe seguindo. Andréia correu bastante até chegar perto de casa mas seu amor puxou Andréia e ele levou ela para um catifeiro e lá ele matou ela dizendo: agora como você sonhava.



Atividade de criação 2

02: Seu amor depois de 28 dias cumpriu sua promessa que viria atrás de seu beijo perfeito. Andréia recebeu a visita de seu amor. Ficou assustada e correu para o seu quarto. Quando seu amor, todo sorridente, entrou na casa de Andréia e foi direto pra quarto, batendo na porta do quarto de Andréia, disse: abra meu amor, não tenho medo de você e de seu amor. Andréia perguntou: o que você quer. Seu amor lhe respondeu: quero meu amor e seu beijo perfeito. Depois de algum tempo Andréia decidiu abrir a porta e fez um acordo com seu amor, falou: Pronto, você sabe o beijo perfeito e come do minha vida e o resto fechado. Quando Andréia ia beijar seu amor, ele colocou seus dentes e disse: você está com meus dentes brancos, ele disse: sim, eu tô com seus dentes, mas quando você me dá o beijo perfeito, os seus dentes, e assim acontece, eles se beijam e acontecem.

Atividade de temáticas



Crianças à venda. Tratar aqui

Todos disseram que Marialva era louca e desalmada quando ela pôs os filhos à venda. Até o padre tentou demovê-la de idéia tão cruel. Mas nada adiantou. A mulher era obstinada. “Quero que eles tenham um futuro melhor que o meu”, ela repetia.

Olhando bem para o lugar, quem poderia condená-la? Um casebre miserável, perdido numa curva do rio, sem eletricidade, sem comida, sem dinheiro, sem remédio, sem nada por perto. Tinha parido nove filhos. Só restavam cinco quando decidiu vendê-los. Não queria mais ver criança morrendo de fome e doença em seus braços sem que pudesse fazer nada para impedir. O primeiro a partir foi Tião, levado por uma família americana. Um mês depois da viagem, chegou carta com foto do menino, limpo e sorridente, bem vestido e já mais gordinho, no meio de brinquedos e livros novos, e abraçado a seus novos pais. Marialva enxugou as lágrimas e teve certeza de que fazia a coisa certa.

Em seguida, foram Francineide, para o Rio de Janeiro, e Ronivon, para Curitiba.

Com o dinheiro da venda dos três, Marialva comprou uma cabra, três galinhas, um cobertor para as noites frias, sabão de tomar banho e uma panela nova.

O seguinte seria Fabiojunio, que já estava encomendado por uma família que vivia em Cruz Alta, uma cidade próxima. O casal chegaria dali a dois dias e Marialva se esforçava para dar banho no menino e torná-lo mais apresentável.

— Vê se não chora quando eles chegarem, senão eu te mato, viu? E nada de se sujar porque o sabão já está acabando. Tem que ficar limpo até depois de amanhã. Melhor nem se mexer muito, fique quieto dentro de casa.

Fabiojunio olhava os preparativos meio assustado. Mas as fotos dos irmãos cercados de conforto, carinho e comida já o tinham convencido. Tanto

Tião quanto Francineide e Ronivon pareciam muito felizes. Assim, quando chegou o casal, despediu-se da mãe e de Simara — a irmã mais velha —, engoliu o choro e entrou no carro de seus novos pais.

— Mãe, a senhora não achou esses dois aí meio esquisitos, não? — perguntou a menina assim que o carro sumiu na estrada.

— Bobagem, menina. Rico é tudo esquisito mesmo.

Mas, no fundo, achou que a filha tinha razão. Não sabia dizer direito o que era — se a expressão meio vazia do casal, o jeito que eles tinham de olhar, meio fixo, sempre para frente, a maneira de se moverem, lenta demais.

Bobagem, repetiu mentalmente. Eram os mais ricos, os que tinham pago mais caro. Olhou para as notas em cima da mesa. Dava para comprar um monte de sabão e botar Simara para lavar roupa para fora.

O problema era justamente a filha, que não parava de tagarelar. Menina inconveniente. Tinha dez anos, só por isso não dava mais para vendê-la.

Ninguém queria criança grande assim. Pois que ficasse quieta e ajudasse a fazer o dinheiro render — porque aquele era o último.

* * *

Isso era o que Marialva pensava. Menos de um mês depois da partida de Fabiojunio chegou uma carta. Trazia uma foto do menino e mais dinheiro ainda.

A mulher ficou radiante.

— Eles devem estar mesmo muito encantados com Fabinho para mandarem essa dinheirama toda — disse ela arregalando os olhos.

Simara, sempre desconfiada, examinava a fotografia.

— Mãe, olha só...

Mas a mulher arrancou a foto de sua mão.

— Olha só digo eu, Simara! Sempre foi lindinho, o seu irmão. Mas com essas roupas... Benza Deus! Parece um príncipe.

Na foto, o menino estava de pé, em meio a um imenso jardim sem flores, mas com o gramado muito bem cuidado, ao fundo do qual se via um casarão com a fachada ornamentada. Vestia sapatos pretos de verniz, meias brancas, terninho azul-marinho combinando com a bermuda, camisa branca de colarinho e gravata de cetim cinza-claro. O cabelo estava penteado para trás, cheio de goma.

Simara não se convenciu. Todos os outros irmãos enviavam fotos em que apareciam cercados de brinquedos, em parques, comendo doces, rindo, abraçados com a nova família. Fabiojunio não. Estava sozinho, de pé, com os braços estendidos ao longo do corpo, no meio daquele jardim imenso. Parecia triste.

Simara insistiu no assunto, mas Marialva proibiu a filha de prosseguir.

— Gente chique é assim. Não fica pulando e gritando. Ele está ficando educado — encerrou a conversa.

* * *

No mês seguinte, a mesma coisa. Mais um envelope entregue pelo correio.

Dentro, nem um bilhete. Só mais dinheiro e outra foto.

Agora, Fabiojunio aparecia de pé em um quarto amplo e ricamente mobiliado. Estava diante de uma cama alta, de dossel talhado em madeira escura, e ao lado de uma escrivaninha cuidadosamente arrumada. Não havia brinquedos à vista. A roupa não era a mesma da foto anterior, mas muito parecida. E a expressão do menino também, embora parecesse ainda mais pálido e tristonho.

— Ele não está feliz — constatou Simara em voz alta, sabendo que a mãe não a ouviria. Estava ocupada demais fazendo planos para o dinheiro que chegara. Já dava até para pensar em comprar um fogão de verdade, com bujão de gás e tudo. E teria comida para fazer todos os dias.

Na verdade, teve muito mais do que isso. Todo mês chegava novo envelope com uma foto e mais dinheiro. Cega pela boa sorte repentina, mal olhava para o filho impresso no papel. Ia direto para o maço de notas, contava-as avidamente, sorria e fazia mais planos.

Apenas Simara estava cada vez mais intrigada. A cada foto que chegava, parecia-lhe mais evidente que havia algo muito estranho ocorrendo ao irmão.

Sempre o mesmo tipo de roupa, os ambientes luxuosos — mas antiquados e soturnos —, e a expressão ausente, o olhar mortiço, a postura imóvel.

A última foto era ainda mais impressionante. Solitário, sentado à cabeceira de uma mesa imensa, de madeira escura e polida, Fabiojunio não olhava para a baixela de prata à sua frente, nem para a louça filetada de ouro, nem para os talheres de cabo de madrepérola. Seu olhar tampouco se dirigia para o fotógrafo.

Parecia fixar-se num ponto impossível, distante, muito além da realidade.

Intrigada com aquilo, Simara foi até a casa do padre e pediu-lhe emprestada sua lente de aumento. Já tinha visto o objeto algumas vezes depois das aulas de catecismo. Parecia mágico, com seu poder de ampliar pequenos detalhes. Quando era menor, adorava pegar a lente e observar a ponta de seu polegar, descobrindo as finas linhas que desenhavam redemoinhos em seus dedos.

Mas, agora, não havia tempo para brincar. Botou a foto sob o vidro da lente e examinou-a detidamente. Nem precisou procurar muito. Bastou-lhe focalizar os olhos do irmão para encontrar a explicação de sua expressão vazia: estavam furados. No lugar das córneas, havia apenas dois buracos negros, redondos e perfeitos.

Com um grito apavorado, Simara chamou o padre. O homem fez o sinal da cruz e prontificou-se a acompanhar a menina até a residência do casal que tinha levado Fabiojunio embora. Foi

só o tempo de pegar uma pesada cruz de prata, um vidro de água benta e o dinheiro da passagem de ônibus. Com o envelope nas mãos, a menina o seguiu até a rodoviária.

Cruz Alta ficava a apenas sessenta quilômetros de distância. Duas horas de viagem na condução velha e malcuidada. Simara sacolejava pela estrada, impaciente. O padre, no entanto, ignorava a ansiedade da menina e traçava cuidadosamente seu roteiro. Iriam primeiro à igreja local buscar informações sobre a família. Se possível, levariam o pároco junto com eles até a casa. As fotos diziam claramente que se tratava de um caso de bruxaria e não queria enfrentar uma novidade daquelas sozinho.

Chamava-se padre André, era jovem e destemido. Mas também inexperiente e humilde o suficiente para admitir que não tinha a menor idéia do que fazer quando encontrasse o estranho casal.

Não custaram a encontrar a igreja nem a conseguir falar com o padre Leal, um velhinho simpático, que cuidava da paróquia havia mais de trinta anos.

— Estamos com sorte — confidenciou o padre André a Simara. — Há tanto tempo aqui, ele deve conhecer a família.

O padre Leal, no entanto, ficou perplexo ao ver o endereço que Simara lhe mostrava.

— Deve haver algum engano, meus filhos. Esse endereço não existe.

Com um pressentimento ruim, Simara insistiu:

— É muito importante, padre. Por favor, nos ajude a encontrar essa família.

— Mas estou lhe dizendo, filha. Conheço o lugar, não existe casa nenhuma nesse endereço.

Essa rua não passa de uma velha estrada abandonada. Nem carroça passa mais por lá.

Até então, o padre André só observava a conversa. Mas decidiu intervir:

— Padre Leal, temos motivos muito sérios para procurar essa casa — disse, enquanto abria o envelope e espalhava as fotos sobre a mesa.

— Veja isso.

O velho pároco examinou as fotos com as mãos trêmulas enquanto ouvia o relato da história feito por Simara. Por fim, deteve-se na que mostrava Fabiojunio no jardim. Após observá-la por alguns instantes, mergulhou a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Não consigo acreditar...

Simara não se conteve e perguntou:

— O senhor conhece essa casa?

O religioso deu um profundo suspiro. Estava pálido e limitou-se a acenar afirmativamente com a cabeça. Mal conseguia falar.

Mas a menina era determinada. E não queria perder mais tempo.

— Então, nos leve até lá. Acho que meu irmão está correndo perigo.

O religioso limitou-se a balbuciar:

— Seu irmão está morto.

Padre André não se deu por vencido.

— Precisamos da sua ajuda. Talvez ainda possamos salvá-lo. Tenho certeza de que se trata de um caso de bruxaria.

O velho o interrompeu:

— Vou levá-los até o local.

Assim que entraram no velho Dodge Dart do pároco, este olhou para o padre André e disse:

— Preparem-se para ver uma coisa terrível.

Com o rosto amargurado, o religioso deu a partida no carro e recusou-se a responder a qualquer pergunta durante o trajeto. Cerca de vinte minutos depois, saiu da estrada principal e tomou um caminho abandonado e coberto de mato pelo qual o veículo avançava com dificuldade crescente. Quanto mais andavam, mais ermo tornava-se o local. Estava claro que havia muito tempo que ninguém passava por ali.

Finalmente, pararam num ponto a partir do qual seria impossível prosseguir com o carro. O mato era tão alto que batia no peito dos dois homens e cobria a cabeça de Simara. Saltaram, e o religioso suspirou:

— A partir daqui, teremos que seguir a pé.

Nem Simara nem padre André ousaram abrir a boca. Apesar do sol quente da tarde, a luminosidade do lugar tinha um toque pouco natural. E um silêncio sepulcral envolvia o caminho, como se ali não houvesse vida: nem insetos, nem animais, nem mesmo vento.

Depois de uns dez minutos de caminhada, uma clareira abriu-se abruptamente. À frente do grupo, surgiu um imenso terreno abandonado. Nem mesmo mato crescia ali, como se a terra tivesse sido amaldiçoada.

Ao olhar para a cena, Simara deu um grito. Reconheceu, ao longe, o casarão ornamentado. No entanto, à sua frente, erguia-se uma ruína, abandonada havia muitos anos em meio ao terreno desolado.

Não havia dúvida nenhuma, era a casa da foto. Ou era a casa como teria sido muitas décadas atrás.

— Vamos até lá — disse Simara energicamente. Ainda não conseguia acreditar no que via.

Partiu na frente, seguida pelos dois religiosos, ambos empunhando suas cruzes.

Não tinha medo. Não sentia nada além de uma urgência imensa e de uma esperança meio improvável de ainda encontrar o irmão. Abriu o pesado portão com um safanão e foi entrando.

Deparou-se com o saguão de entrada, o mesmo que já tinha visto nas fotos. No entanto, agora, as paredes estavam descascadas, as vidraças das janelas, quebradas, a bela escadaria de madeira que conduzia ao segundo andar, destruída. E não existia mais nenhum dos móveis luxuosos que serviam de cenário para as poses de Fabiojunio.

Viu, logo à esquerda, o que deveria ter sido a sala de jantar. A mesa, a mesma onde o irmão aparecera na última foto, ainda estava lá. Comida por cupins, não passava de um monte de madeira podre, coberta por uma espessa camada de poeira e fungos.

Cada vez mais transtornada, percorreu todos os cômodos do térreo até sair no pátio dos fundos, de onde podia se ver um antigo cemitério familiar e nove tumbas.

Correu para lá.

Não teve dificuldade em reconhecer o estranho casal que levava seu irmão nas fotografias amareladas que decoravam as duas primeiras sepulturas. Ali, estava a data da morte deles, ocorrida cerca de cinquenta anos antes. Próximos das tumbas principais — as mais ricas e enfeitadas — havia sete pequenos jazigos. O último era evidentemente recente e foi para ali que Simara correu. Sobre o túmulo, um nome: Fabiojunio, a última foto que tinha sido enviada à família e a data: apenas uma semana atrás.

Não tinha mais nada para ser visto ali. Tudo o que Simara queria era voltar para casa e contar para a mãe o que tinha descoberto. Deu meia-volta e saiu enxugando as lágrimas enquanto andava cada vez mais rápido, seguida pelos dois religiosos que ainda empunhavam suas cruzes, sem saber muito bem o que fazer com elas.

A viagem de volta foi lenta e silenciosa. O ônibus quebrou duas vezes e Simara só chegou em casa no dia seguinte. Achava que encontraria a mãe preocupada, mas a velha senhora estava radiante quando abriu a porta para a filha.

— Por que você não disse que ia visitar seu irmão? — perguntou a mulher com um sorriso.

Antes que a menina pudesse responder, a mãe mostrou-lhe um novo envelope.

— Olha só, acabou de chegar! Veio com uma carta. E com ótimas notícias.

Simara avançou para o envelope. A primeira coisa que viu foi a foto. Uma foto dela, vestida com roupas elegantes e antiquadas, de pé, braços estendidos ao longo do corpo, no pátio dos fundos da casa, onde havia o cemitério, embora a foto não mostrasse cemitério algum. Só um bonito jardim, com o gramado muito bem cuidado e árvores frondosas ao fundo.

Antes que pudesse se recuperar do susto, a mãe perguntou:

— Leu a carta? Eles ficaram encantados com você!

E completou, sorridente:

— E vêm buscá-la hoje mesmo, à noitinha. Você nem imagina como me pagaram bem!

Diante do olhar apavorado da menina, Marialva franziu o cenho e engrossou a voz:
— Já para o banho. Está na hora de você também aprender a ser chique.

Dentes tão brancos

Andréia entrou em casa às três de manhã e encontrou sua mãe em pânico.

— Minha filha, o que aconteceu?

— Não sei.

Não era mentira. E estava perturbada demais para inventar uma desculpa qualquer.

— Como não sabe? Você saiu de casa dizendo que vai a uma festa na casa da Mariana, desaparece sem dar notícias, deixa todo mundo preocupado e ainda diz que não sabe?

A mãe estava realmente furiosa.

— Eu fui à festa na casa da Mariana — defendeu-se Andréia.

— Como foi se ninguém viu você lá?

— Eu estava lá — insistiu a menina.

— Até agora? — berrou a mãe, que, evidentemente, não acreditava na versão da filha.

— Até agora.

— E pode explicar como nem a Mariana, nem suas amigas, nem ninguém viu você na festa?

A mãe era puro desatino. Andréia nunca tinha feito uma coisa dessas antes. Mas parecia que o bom comportamento progresso não lhe trazia nenhuma vantagem.

* * *

O fato é que Andréia não sabia dizer o que tinha acontecido. Não que lhe falhasse a memória. Lembrava bem cada detalhe da noite. O problema era encontrar as palavras. Sentia-se esquisita, flutuante, como se tivesse sido jogada num mundo totalmente desconhecido. Estava com medo. Muito medo. Mas não saberia explicar exatamente do quê. Apenas sabia que uma coisa terrível tinha acontecido. Alguma coisa cujos desdobramentos ainda não conseguia prever.

Tentou reordenar os fatos da noite em sua mente. Talvez assim conseguisse uma explicação para tudo aquilo.

Tinha chegado cedo à casa de Mariana. A festa ainda não tinha começado, e a amiga estava no quarto se arrumando. Dirigiu-se ao jardim, que estava especialmente bonito para a ocasião. Não que fosse uma festa especial: não era.

Mas Mariana transformava qualquer reunião de amigos num grande baile. Não lhe faltava dinheiro para isso. Nem bom gosto. Nem criatividade.

A festa do dia era à fantasia e tinha como tema a Morte. Cada qual deveria imaginar uma maneira interessante de passar dessa para melhor e inventar uma fantasia que combinasse com sua idéia.

Marcelo já tinha avisado que iria de pijama: queria morrer dormindo.

Mirela providenciara trajes de aviadora: achava lindos os acidentes trágicos.

Beatriz aplicara dúzias de camélias em seu vestido, em homenagem à Dama das Camélias, a pianista que tinha sido levada embora pela tuberculose.

Andreia pensara em alguma coisa bem romântica. Queria morrer de amor.

Dissolver-se em paixão. Por isso, decidiu alugar um traje de época, um luxuoso vestido que imitava os usados no século XVI, decotadíssimo, armadíssimo, muito sensual.

Prendeu os cabelos cacheados num coque no alto da cabeça, deixando à vista a nuca. Pegou o pó-de-arroz da mãe e passou uma generosa camada no rosto, no colo e no pescoço. Ficou branquíssima. E linda.

Agora, sim, parecia uma musa de poeta romântico, dessas que morrem virgens, jovens e belas, e carregam para o túmulo o coração do amado. Pelo menos, era assim que se sentia quando chegou à casa de Mariana.

Como a amiga ainda não tinha descido, decidiu circular pelos jardins, ainda desertos àquela hora. Havia apenas alguns músicos que terminavam de montar seus instrumentos no palco armado em meio ao gramado. Assim que se aproximou, teve sua atenção despertada para um deles, um jovem de beleza incomum que ensaiava algumas notas ao violino enquanto o resto do grupo ligava fios às caixas de som. Alto, magro, com cabelos ruivos que lhe caíam até a cintura e vestido com um smoking, o rapaz parecia indiferente ao atarefamento dos colegas. Tocava, de olhos fechados, uma melodia capaz de emocionar qualquer pessoa, até mesmo Andréia, mais chegada a um rock, um metal pesado ou qualquer coisa que tivesse mais ritmo do que som.

A música do rapaz não tinha batida, mas fazia bater mais forte seu coração. Não como imagem poética, mas como fato incontestável. Surpreendida pela suave taquicardia provocada pela música, a menina aproximou-se do grupo e ficou escutando.

Subitamente, como se percebesse a presença dela, o rapaz interrompeu seu ensaio e abriu os olhos.

— Ah, por favor, não pare — pediu a menina. — Eu estava gostando.

O violinista limitou-se a sorrir. Nossa! Como era bonito. De tudo, o que mais chamava a atenção era sua pele, tão branca e luminosa que parecia a cúpula de um abajur. Andréia

perguntou-se que marca de pó-de-arroz ele teria passado para obter um efeito tão impressionante.

Embora o palco estivesse a alguns metros de Andréia, com apenas um salto, ele colocou-se ao lado dela. Foi um movimento estranho. Ele não tinha a elasticidade de um gato. Pelo contrário, parecia meio duro ao mover-se.

Lembrava mais um vô sem suavidade. Ou uma aparição fantasmagórica.

Mas não era um fantasma quem lhe sorria tão encantadoramente.

— Você gosta do som do violino? — perguntou o rapaz. E Andréia percebeu um par de olhos cor de violeta cintilando na escuridão.

— Não exatamente. — Andréia não conseguia mentir. — Mas fiquei fascinada com a melodia que você estava tocando. Que música é essa?

O rapaz deu um suspiro profundo.

— É uma composição minha.

— Jura?

Ele sorriu, melancólico. A luz violeta tinha desaparecido de seus olhos.

— Fiz para a mulher que eu amava.

Agora, seus olhos estavam negros como a mais profunda noite. E Andréia, totalmente encantada, não resistiu à indiscrição.

— O que aconteceu com ela?

Subitamente, o sorriso apagou-se do rosto do rapaz.

— Ela morreu.

Andréia estava desconcertada.

— Lamento... — gaguejou.

Mas a curiosidade foi mais forte, e ela perguntou:

— Morreu de quê?

— De amor.

O tom da voz do rapaz a surpreendeu. Não estava mais triste. Era sonhador, etéreo, apaixonado. Como sua fantasia. Tinha vindo vestida para morrer de amor.

Pareceu que o rapaz compreendeu tudo, sem que ela dissesse nada.

— Você vai ficar comigo esta noite — disse ele.

Não perguntou. Não era um pedido. Ele não quis saber se ela já tinha ficado com alguém antes (não tinha). Simplesmente constatou o que já estava escrito nos olhos de Andréia.

Sem saber bem o que dizer, a menina perguntou seu nome. Ele voltou a sorrir, novamente luminoso.

— Eu me chamo “Seu Amor”. E você?

Que dizer numa hora dessas?

— Puxa, que coincidência, eu também.

Ainda ia dizer alguma coisa, mas “Seu Amor” a interrompeu:

— Nada disso. Você se chama “Meu Amor”.

E cravando os olhos nos dela, completou:

— Você é minha, “Meu Amor”.

Andréia podia ter dito que não. Podia ter percebido que tudo aquilo era esquisito demais e pulado fora. Mas o amor é sempre meio estranho e ela estava apaixonada. Quando “Seu Amor” disse “Você é minha”, sentiu-se totalmente inundada de felicidade. E quando isso acontece, a única coisa que a gente consegue dizer é “Sim”. A paixão nos transforma em criaturas meio sem vocabulário.

“Não”, “mais ou menos”, “talvez”, tudo isso desaparece da nossa boca. E ela passa a ser ocupada por um SIM imenso, completamente refratário à razão.

Por isso, ela olhou no fundo dos olhos dele e respondeu:

— Sou. Sou sua.

Num impulso amoroso, estendeu a mão para tocar o rosto dele. Mas “Seu Amor” recuou.

— Tenho que voltar para o ensaio.

Em seguida, ficou novamente muito sério e disse:

— Vá para trás daquela árvore e não deixe ninguém vê-la. À meia-noite, quando terminar o show, irei buscá-la.

Andréia não entendeu direito o motivo do pedido, mas “Seu Amor” foi bem claro.

— Se alguém vir você aqui, vou fazer de conta que não a conheço. Não saia de lá até que eu vá buscá-la, compreendeu?

Totalmente tomada pela vontade de dizer SIM, a menina concordou.

Viu a festa de longe, como se fosse um sonho. Deixou-se hipnotizar pelo som mágico do violino de tal maneira que não sentiu o tempo passar. Quando deu por si, o jardim estava deserto, os músicos desarmavam a aparelhagem e “Seu Amor” caminhava em sua direção.

Antes mesmo que pudesse pensar em alguma coisa para dizer, foi enlaçada pela cintura e percebeu que o braço dele era tão rígido quanto seu corpo. Parecia mais um gesto de imobilização do que um abraço. Assustada, tentou recuar, mas “Seu Amor” acendeu a chama violeta de suas pupilas e disse:

— Não tenha medo.

Sem afrouxar o braço que segurava firmemente a cintura da menina, aproximou sua boca para um beijo. Mas a menina estava realmente assustada e virou o rosto. Neste momento, ele riu. Não foi como antes. Antes, só tinha sorriso, o que dava a seu rosto, já belo, uma luz ainda mais especial. Agora, ele riu mesmo, abrindo os lábios e deixando à vista uma boca totalmente desdentada.

Tomada por forte sentimento de repulsa, Andréia tentou gritar. Mas, como nos pesadelos, sentiu que a voz estava presa em sua garganta.

— Não grite, “Meu Amor”. Eu só quero um beijo seu.

Agora, o rapaz segurava firmemente seu rosto, de modo que a menina não conseguia olhar para outro lado ou desviar-se. “Seu Amor” voltou a rir com vontade, exibindo as gengivas vermelhas.

— Você estava apaixonada por mim ou pelos meus dentes?

Apesar da risada, a expressão do rosto dele era de pura raiva. Apertou o rosto de Andréia com mais força e inquiriu:

— Vamos, responda! Sem dentes eu não sirvo? Que porcaria de amor é esse que não resiste a uma pequena falha?

Sem fôlego, a menina não conseguia responder. Queria apenas sumir dali.

Rezava para que alguém aparecesse, mas os últimos músicos já tinham partido.

Estava absolutamente só com “Seu Amor” no jardim agora às escuras.

Cada vez mais raivoso, ele prosseguiu:

— Pois eu quero um beijo seu. E quero também seus dentes, todos eles.

Quero esses dentes da cor da lua cheia.

Diante do terror da menina, cujo rosto permanecia preso entre os dedos do rapaz, “Seu Amor” sibilou:

— Está com medo? Não se queixe, minha querida, você é uma garota de sorte. Destino pior teve a que me cedeu a pele, a que me deu os ossos, a linda menina que me doou esses belos olhos cor de violeta, ou sua amiga Karina, de quem herdei essa bela cabeleira.

Andréia sufocou um grito de pavor. Lembrou-se de Karina e do indescritível sofrimento da amiga, submetida a uma quimioterapia que lhe podara os longos cabelos ruivos. Começou a chorar.

“Seu Amor” ficou calado por alguns minutos, como se fosse muito divertido observar sua presa. Finalmente, suspirou:

— De você, “Meu Amor”, só quero os dentes.

Antes que Andréia pudesse esboçar qualquer reação, ele a beijou.

Os lábios do rapaz eram gelados. No entanto, no momento em que suas bocas se uniram, todo o medo desapareceu. Andréia foi tomada por uma suave tontura e percebeu que seu corpo relaxava. Era uma fraqueza que fazia seus joelhos dobrarem e toda a sua vontade desaparecer. Só percebia o som de seu coração, como um tambor selvagem repercutindo pelo corpo todo, cada vez mais forte, até que sua vista escureceu.

Quando deu por si, estava caída no chão. Não havia ninguém por perto.

Levantou-se e foi andando para casa a pé, ainda tonta.

No dia seguinte, acordou melhor. Parecia, de fato, que tudo não passara de um pesadelo. Animada, levantou-se e vestiu-se para ir à escola. O cheiro de café fresco feito pela mãe e do pão quentinho chegava até o quarto onde a menina se arrumava. Penteou os cabelos, prendeu um coque no alto da cabeça e sorriu para o espelho.

Foi então que percebeu a falta de um dente, o incisivo superior do lado esquerdo. Deu um grito apavorado e levou a mão à boca. O canino superior do lado direito saiu na sua mão. Tateou a arcada. Estavam todos moles, pendurados na gengiva como roupas no varal em dia de ventania.

Antes que pudesse gritar, ouviu a voz da mãe que anunciava:

— Andréia, chegaram flores para você!

A senhora entrou no banheiro carregando uma braçada de rosas cor de violeta, salpicadas por vinte e oito rosas brancas.

Havia um cartão. E dizia:

“Jamais esquecerei seu sorriso. Vinte e oito dentes perfeitos, faltando apenas os de siso — que nascerão mais tarde. Mas quem precisa de siso quando chega à idade em que sonha em morrer de amor? Vinte e oito também são os dias que formam o ciclo da lua. Assim que ela voltar a brilhar em toda a sua plenitude, retornarei para dar em você um beijo perfeito. Com todos os dentes.

“Seu Amor.”

O fruto da figueira velha

Denise não acreditava em casa mal-assombrada. Não há nada que dez baldes de tinta fresca não resolvam, costumava dizer. Além disso, ficou louca quando viu o casarão à venda. Era simplesmente espetacular. Tinha um excelente terreno para fazer jardim e quintal, três salas imensas, cinco quartos, três banheiros e vários cômodos que poderiam ser adaptados. O lugar perfeito para uma recém-casada que pretendia ter muitos filhos. Velha era, até demais. Exigiria um bocado de reformas. Mas o preço era incrivelmente baixo. Jamais conseguiria comprar uma casa daquelas tão barato.

Não foi difícil convencer o noivo a trocar o sonho de um pequeno apartamento de sala e quarto por uma mansão maravilhosa. Compraram o imóvel e levaram um ano inteiro fazendo obras. Ao fim do período, tinham uma casa simplesmente deslumbrante. A antiga fachada descascada agora exibia uma alegre pintura amarela. Portas, janelas e pisos tinham sido recuperados. Cômodos que antes cheiravam a mofo deixavam passar fartas lufadas de ar fresco.

Canteiros de flores e ervas aromáticas substituíam o terreno baldio que antes rodeava a casa. Tinham capinado e replantado tudo.

Denise só manteve uma antiga figueira. Era simplesmente magnífica com seu tronco forte e uma profusão de galhos. Quem chegasse à casa, veria, em primeiro lugar, a figueira, que reinava, soberana, na entrada. Em seguida, prestaria atenção à moradia impecavelmente reformada.

Agora, ali, tudo era claro, colorido e cheirava bem.

Verdade que a vizinhança ainda evitava o lugar. Até mesmo o carteiro relutava em se aproximar. Mas nada impediu o jovem casal de mudar-se para lá logo após a lua-de-mel.

Denise ainda se lembrava bem do dia da mudança, os dois pegando carona no caminhão e olhando as ruas com uma curiosidade infantil. Foi nessa ocasião que ela reparou na igrejinha que ficava a poucos quarteirões da casa. Uma graça.

Apesar de sua arquitetura antiquinha, era obviamente nova, com a pintura ainda fresca e um sino que ainda reluzia.

Denise e Tiago capricharam na primeira noite que passaram na nova residência. Montaram uma bela mesa no jardim e serviram ali um jantar especial, com toalhas bordadas, talheres novos, flores e velas.

Apaixonado, o casal tomou uma taça de champanhe, enquanto admirava a propriedade e engolia a comida feita por eles mesmos — que nem estava tão boa assim, mas nem ligaram.

Nenhum dos dois era bom cozinheiro. O romantismo foi o suficiente para ignorarem o bife duro e o arroz mal cozido. Mas, na hora da sobremesa, foi impossível engolir o pudim. Feito com todo o amor do mundo — mas nenhuma técnica culinária —, foi deixado de lado logo depois da primeira colherada.

Estava intragável.

O jeito era rir do desastre. Rir muito, jogando a cabeça para trás, olhando a lua e dando muitos beijos.

Foi assim, com a cabeça jogada para trás e plena de felicidade, que Denise percebeu que a figueira estava repleta de frutos. À luz do luar, os figos brilhavam, cintilantes e convidativos.

Nem pestanejou. Correu para a árvore e colheu o mais bonito. Seria a sobremesa certa para aquela noite perfeita — só estragada por um errinho de nada na receita do pudim. Voltou para a mesa rindo e mordendo a fruta. Estava deliciosa. Madura, carnuda e doce como a melhor das sobremesas. Comeu uma metade, deu a outra ao marido, e foram dormir.

Nada explicaria o terrível pesadelo daquela noite. A brisa estava fresca, o quarto arejado, os lençóis eram novos e macios, o jantar tinha sido leve e ela estava muito feliz. Tratava-se de uma realidade tão perfeita que era consigo mesma que Denise sonhava. Sonhava que estava dormindo em sua casa nova, ao lado de seu marido, depois de um alegre jantar no jardim.

No sonho, experimentava passar o peito do pé de leve sobre o lençol. Ia sentindo a maciez do tecido como um carinho até que seu pé tocasse o corpo de Tiago. Então, voltava para a posição inicial e começava tudo de novo. Deslizar a pele pelo algodão fresco, tocar a perna do marido, recolher o pé.

No entanto, num desses movimentos, esbarrou numa coisa diferente. Em vez da suavidade do tecido ou do calor do corpo de Tiago, seu pé tocou numa superfície áspera e úmida, como um osso recoberto por escamas geladas. Abriu os olhos, sobressaltada, e viu uma criatura sentada em sua cama, entre ela e o marido.

Não dava para saber ao certo do que se tratava, se bicho ou assombração.

O corpo, muito magro, era recoberto de couro rugoso. A coisa eslava sentada de cócoras, com os joelhos dobrados, mas não da maneira como uma pessoa encolhe as pernas. E os pés e mãos, mais parecidos com garras, lhe diziam que aquilo, decididamente, não era humano.

Nem precisaria dizer, bastava olhar o rosto. A cabeça pendia do pescoço e girava em todas as direções como a de uma galinha. Mas os olhos estavam cravados nela. Miúdos, brilhantes, tão estúpidos quanto cruéis.

Embora a coisa não a tocasse com as mãos, Denise sentia a garganta comprimida de tal modo que não conseguia gritar. Tampouco podia mover o corpo. Muda e paralisada, viu quando a criatura abriu a boca — seria aquilo um sorriso? — e lhe disse:

— Gostaria de saber quem a autorizou a roubar minhas frutas.

Denise queria se defender. Não tinha roubado nada. A casa era sua. Mas a voz não saía. A criatura, no entanto, pareceu ler seus pensamentos.

— A casa é sua? — Uma risada debochada ecoou pelo quarto. — Quem lhe contou um absurdo desses? Esta casa me pertence. Ela e tudo o que está dentro dela.

Antes que Denise pudesse retrucar, o estranho ser pulou para o chão e completou, sibilando:

— Inclusive você.

Dizem que quando uma pessoa morre vê toda a sua vida passar diante dos olhos numa fração de segundo. Coisa parecida aconteceu com Denise. De repente, tudo o que já tinha ouvido falar a respeito de fenômenos sobrenaturais passou por sua mente ao mesmo tempo. Informações às quais jamais dera a menor importância.

Histórias que sempre julgara pertencerem ao folclore e às crendices populares.

Subitamente, tudo fazia sentido, tudo parecia totalmente real.

Figueiras são as casas do diabo, sempre lhe dizia sua avó. O tinoso escolhe essas árvores como moradia porque elas foram amaldiçoadas por Jesus.

Denise nunca dera muito crédito às histórias da avó. Tivesse prestado atenção nelas, teria desconfiado do casarão tão barato, do pavor que a vizinhança manifestava do local. Mas nunca tinha sido supersticiosa.

— Superstição? — debochou o diabo, lendo seus pensamentos. — Ora, minha querida, você é minha propriedade e está em meus domínios. E roubou uma fruta da minha árvore. Vai ter que devolvê-la.

Sentada na cama, quase sufocando de pavor, Denise não conseguia responder, nem se mover, nem sequer respirar direito.

Quando o grito se soltou de sua garganta, Tiago deu um pulo. Já era manhã alta.

Sentada na cama, Denise uivava como um bicho selvagem, na mesma posição em que estivera enquanto o demônio lhe falava as coisas horríveis que escutara.

Teria dormido daquele jeito? Sentada? Não era possível. A impressão era de que fora tirada dali, inconsciente, e acabara de ser devolvida a seu quarto.

Tiago tentava acalmá-la. Dizia mil vezes que tudo não passara de um pesadelo. Mas nada adiantava. Denise ainda sentia inteiro o horror da presença, como se a besta apenas tivesse se tornado invisível, mas continuasse ali.

Desde essa noite, não conseguiu mais dormir direito. Mal anoitecia, seu coração ficava pesado, cheio de pressentimentos. O sono era interrompido a toda hora por sustos que a faziam abrir os olhos na escuridão. Não via nada diferente no quarto, mas tinha certeza de que o demônio estava ali, com seus olhos estúpidos e cruéis fixados nela.

E foi assim, noite após noite. Denise emagreceu, ganhou olheiras profundas, tornou-se frágil e nervosa. Nada lembrava a jovem apaixonada e cheia de vida que se casara tão pouco tempo atrás.

Dois meses mais tarde, teve uma notícia. Estava grávida. Em vez de ficar feliz, como era de se esperar, caiu no choro. Não sabia por que, mas tudo o que aquela gravidez lhe dava era um medo imenso. Como para confirmar seus piores presságios, naquela noite, o bicho medonho voltou.

Estava quase adormecendo quando sentiu que garras ásperas e frias tocavam seu rosto. Mesmo sem abrir os olhos, sabia quem estava a seu lado.

Podia sentir seu hálito metálico e ouvir seus passos cambaleantes.

— Não adianta fingir que está dormindo. Sei que você me escuta — disse a coisa, com sua voz falsamente meiga.

Não era faz-de-conta. Denise não conseguia se mexer, nem falar, nem gritar. E foi assim, paralisada, que escutou a voz do demônio pela última vez.

— Não quero perturbá-la demais, minha menina — começou ele, pigarreando. — Mulheres grávidas devem ser deixadas em paz. A última coisa que eu desejaria era que esse doce fruto que você carrega no ventre azedasse por conta de seu nervosismo.

O peçonhento pulou para o chão, e continuou falando enquanto andava de um lado para outro, balançando a cabeça, mas sem jamais tirar os olhos de sua presa.

— Mas, pense bem, minha linda. Agora, você terá uma chance de ouro de pagar a dívida que tem comigo. Você ficou com meu fruto. Eu fico com o seu.

Tudo muito justo. Basta que você me entregue a criança e prometo não voltar a perturbar seu sono.

Mesmo impossibilitada de mover-se ou gritar, Denise agitou-se de tal maneira que seu interlocutor começou a rir.

— Ora, ora, não entendo por que tamanha indignação. Estou lhe propondo um pagamento absolutamente justo pelo roubo que você cometeu. E, na verdade, não é bem uma proposta. Estou apenas lhe dando a chance de comportar-se com dignidade e de corrigir seu erro. Se você não me entregar essa criança por bem, farei exatamente o que você fez comigo: invadirei seus domínios e a tirarei de você como quem arranca uma fruta do galho.

Dado o recado, o demônio desapareceu. E cumpriu sua promessa. Não apareceu mais nos meses seguintes.

A ausência do tihoso não acalmou Denise. Quanto mais se aproximava a data do parto, mais tudo lhe parecia um pesadelo real.

Um dia, Tiago passava pela rua, preocupado com o estado da esposa, quando viu a igrejinha. Era a mesma que tinham avistado no dia da mudança.

Estava aberta. Da rua, era possível perceber que não havia ninguém ali dentro.

Assim mesmo, resolveu entrar e rezar um pouco.

O interior da pequena igreja era mal iluminado. Mal dava para perceber direito os detalhes da construção. Mas era evidentemente nova ou tinha sido recém-reformada porque, em vez do aroma adocicado de incenso que costuma impregnar as igrejas, ali o que predominava era cheiro de tinta fresca.

Tiago aproximou-se do altar, ajoelhou-se e, antes mesmo de fazer o sinal da cruz e começar a rezar, viu que um homem se aproximava. Era o padre.

Parecia bastante jovem.

— Posso ajudá-lo? — perguntou o pároco. Sua voz era suave e inspirava confiança.

O rosto de Tiago iluminou-se. Sim, se havia alguém que podia ajudar naquela situação era um padre. Contou-lhe tudo o que acontecera, sem omitir nenhum detalhe. Por fim, foi tranquilizado pelo jovem religioso.

— Meu filho, não se preocupe com mais nada. Agora, esse assunto está em minhas mãos. Hoje à noite, farei uma visita a sua esposa e conversarei com ela.

À noite, conforme o prometido, o pároco lhes fez uma visita. Novamente, ouviu toda a história, agora contada por Denise. E repetiu as mesmas palavras que já tinha dito a Tiago:

— Não se preocupe mais com isso, minha filha. O poder que eu represento é muito forte. Ninguém roubará aquilo que só pertence a meu senhor. Assim que a criança nascer, virei buscá-la. Ela ficará comigo na igreja. Lá, ela estará a salvo.

Embora jovem, o padre transmitia imensa segurança e fé. A voz era puro conforto; os olhos, só doçura. Denise sentiu imediatamente que podia confiar nele. A partir daquele dia, não teve medo de mais nada. O demônio não perturbava mais seu sono, ela se alimentava bem e chegava até mesmo a cantarolar enquanto comprava as roupinhas para o bebê e decorava seu quarto.

Ao fim do nono mês, teve seu filho, um menino forte e saudável. Nem chegou a levá-lo para casa. Embrulhou-o numa manta de lã azul-clarinha, como o céu, e saiu diretamente do hospital para a igreja, onde o padre já a esperava.

— O senhor acha que ele vai precisar ficar muito tempo aqui? — perguntou, aflita por ter que se separar do bebezinho.

— Não, minha filha. Basta que ele durma aqui esta noite. Amanhã cedo, iremos batizá-lo. Depois disso, já estará consagrado e intruso nenhum conseguirá aproximar-se dele.

Aliviada, Denise deu um beijo na testa do menino e foi para casa, seguida de Tiago.

Na manhã seguinte, bem cedo, foram para a igreja, acompanhados dos padrinhos.

Denise estava ansiosa, mas feliz. Tiago torcia para que o pesadelo tivesse logo um fim. Já estavam decididos a mudar de casa e começar vida nova bem longe dali.

Era esse o assunto dentro do carro, onde os dois casais riam para tentar disfarçar a tensão.

Denise já estava até pensando que talvez pudessem se mudar para outra casa antiga.

— Desde que tenha uma boa igreja por perto — completava o padrinho, que nunca tinha levado aquela história de figueira muito a sério.

— A verdade é que sempre ficamos impressionados demais com as forças do mal — dizia a madrinha. — Acho que o maior poder que elas têm vem do nosso próprio medo. Quando decidimos enfrentá-las, não resistem.

— Bem, talvez não seja bem assim — ponderou Tiago, que ainda guardava bem vivos os gritos apavorados da mulher nas piores noites.

Mas o padrinho interveio:

— Ora, Tiago, se não fosse assim, o tal demônio teria aparecido nesta noite mesmo para buscar a criança. Ele apareceu?

Denise admitiu que não. Nada lhe perturbara o sono.

— Pois então — teimou o padrinho. — Vocês ficaram impressionados demais com essa história.

A conversa seguia tão animada que o grupo chegou ao fim da rua sem ter parado na porta da igreja.

— Passamos do ponto — disse Tiago, ainda rindo. — Vamos ter que voltar.

Fizeram a manobra no carro e retornaram, desta vez prestando atenção.

Mas não viram igreja nenhuma.

— Tem certeza de que é aqui? — perguntou a madrinha.

— Claro! — respondeu Tiago, já apreensivo.

Passaram novamente pela rua toda. Não havia sinal de igreja por ali.

Toda a tranqüilidade de Denise tinha desaparecido. Sem dar ouvidos às ponderações dos padrinhos, saltou do carro e começou a correr a calçada de cima para baixo como uma louca.

Finalmente parou, com os olhos arregalados, fixos num ponto de um terreno baldio. Todos a seguiram.

No centro do terreno, imaculadamente limpo, só havia uma pequena planta. Uma muda de figueira com cerca de cinquenta centímetros de altura.

Ao lado da muda, um fiapo de lã azul misturado com a terra denunciava que alguma coisa tinha sido enterrada ali.